

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Centro de Letras e Comunicação**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras**



Dissertação de Mestrado

**UM ESTUDO SOBRE A AQUISIÇÃO FONOLÓGICA**  
**DAS CONSOANTES PALATAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**Letícia Piske Soares**

Pelotas, 2024.

**Leticia Piske Soares**

**UM ESTUDO SOBRE A AQUISIÇÃO FONOLÓGICA  
DAS CONSOANTES PALATAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Ana Ruth Moresco Miranda  
Coorientadora: Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Pelotas, 2024.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação da Publicação

S676e Soares, Leticia Piske

Um estudo sobre a aquisição fonológica das consoantes palatais do português brasileiro [recurso eletrônico] / Leticia Piske Soares ; Ana Ruth Moresco Miranda, orientadora ; Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, coorientadora. — Pelotas, 2024.

94 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Consoantes palatais. 2. Aquisição da linguagem. 3. Diacronia. I. Miranda, Ana Ruth Moresco, orient. II. Matzenauer, Carmen Lúcia Barreto, coorient. III. Título.

CDD 469.5

Letícia Piske Soares

Um estudo sobre a aquisição fonológica das consoantes palatais  
do português brasileiro

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 29 de fevereiro de 2024.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Ana Ruth Moresco Miranda (Orientadora)  
Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer (Coorientadora)  
Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof(a). Dr(a). Aline Neuschrnk  
Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas

Profa. Dra. Gilsenira de Alcino Rangel  
Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

“Quando a gente acha que tem todas as respostas,  
vem a vida e muda todas as perguntas”.  
(Luis Fernando Verissimo)

“Tente (tente)  
E não diga que a vitória está perdida  
Se é de batalhas que se vive a vida  
Tente outra vez...”.  
(Raul Seixas/ Paulo Coelho/ Marcelo Motta)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por ter me dado força e amparo nesses anos tão intensos, propiciando que eu ultrapassasse mais uma etapa importante na minha vida.

Aos meus pais, que lutaram pela minha educação desde pequenininha e foram persistentes o suficiente para me transmitirem os valores que hoje formam o meu caráter. Pelo amor e esforço que tiveram com meus filhos, além dos cuidados que tiveram conosco, sem os quais eu não teria conseguido chegar até aqui.

Aos meus filhos, João e Maria, pequenos guerreiros que dão força e apoio para eu seguir em frente.

À minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Ana Ruth Moresco Miranda, pela confiança dedicada ao meu trabalho e em mim e pelos aprendizados.

À minha coorientadora, professora Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, pelas experiências acadêmicas proporcionadas desde a minha graduação e por todas as palavras de incentivo.

Ao casal de professores, Dr. Francisco Dos Santos Kieling, coordenador do curso de graduação de Ciências Sociais, e a Dr<sup>a</sup> Analisa Zorzi, chefe do Núcleo de Licenciaturas e Estágio da UFPel, por me receberem calorosamente em sua residência e me instruírem na elaboração do meu Projeto de Pesquisa.

Às professoras Dr<sup>a</sup> Aline Neuschrack (UFPel-CLC) e Dr<sup>a</sup> Gilsenira de Alcino Rangel (UFPel - FaE), presentes na banca de qualificação, as quais colaboraram positivamente com suas observações advindas da leitura cuidadosa do Projeto de Dissertação.

Ao bolsista de iniciação científica do GEALE, Lorenzo Steinhorst Richetti, que me auxiliou no acesso ao banco de dados AQUIFONO para transcrição dos resultados.

Ao professor Dr. Fernando, diretor do CEHUS da UFPel, que não conheci pessoalmente, apenas tratei por plataforma digital, por ter sido atencioso e me garantir todo suporte físico e técnico para eu defender minha Dissertação.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte da minha caminhada.

## RESUMO

SOARES, Letícia Piske. **Um estudo sobre a aquisição fonológica das consoantes palatais no português brasileiro**. 2023. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

Esta pesquisa tem por objetivo investigar o comportamento das consoantes palatais na aquisição fonológica de crianças brasileiras. Estudos diacrônicos apontam que as consoantes palatais do português foram introduzidas no sistema a partir de processos ocorridos durante a evolução do latim ao português, em decorrência do fenômeno da palatalização. Para Neuschrnk e Matzenauer (2012), em termos segmentais, as formas palatais /ʎ, ɲ/ têm estrutura complexa por apresentarem em suas geometrias de traços duas articulações: uma articulação primária consonantal identificada pelo traço de ponto sob o nó PC, e uma articulação secundária identificada pelo traço de ponto sob o nó PV. Considerando-se a complexidade dessas consoantes, esta dissertação procura compreender os processos envolvidos para a aquisição dos sons palatais na fala da criança. Para a composição do corpus da pesquisa foram analisados dados da aquisição de fala de crianças brasileiras pelotenses e porto alegrenses do AQUIFONO (PUCRS/UFPEL). Os objetivos específicos do estudo são: (i) descrever e analisar dados de fala inicial com foco nas consoantes palatais do PB; (ii) descrever e analisar as estratégias observadas na aquisição de palatais do português por crianças brasileiras; (iii) discutir os dados de aquisição à luz de resultados sobre as palatais na diacronia e na aquisição da escrita. Os resultados mostram que a aquisição ocorre segundo a seguinte ordem: /ɲ<ʎ<ʒ<ʎ/, corroborando achados de pesquisas anteriores sobre a aquisição das palatais. Dentre as estratégias observadas, verificou-se o predomínio de zeros fonéticos para o segmento /ɲ/ e a produção das contrapartes alveolares, acima de 50%, para as demais palatais.

**Palavras-chave:** consoantes palatais; aquisição da linguagem; diacronia.

## ABSTRACT

SOARES, Letícia Piske. **A study on the phonological acquisition of palatal consonants in Brazilian Portuguese**. 2022. 95 f. Dissertation (Master's Degree in Linguistics) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

This research aims to investigate the behavior of palatal consonants in the phonological acquisition of Brazilian children. Diachronic studies indicate that Portuguese palatal consonants were introduced into the system as a result of processes that occurred during the evolution from Latin to Portuguese, as a result of the phenomenon of palatalization. For Neuschrnk and Matzenauer (2012), in segmental terms, the palatal forms /ʎ, ɲ/ have a complex structure because they present two articulations in their feature geometries: a primary consonant articulation identified by the dot feature under the PC node, and a secondary joint identified by the dot line under the PV node. Considering the complexity of these consonants, this dissertation seeks to understand the processes involved in the acquisition of palatal sounds in children's speech. To compose the research corpus, speech acquisition data from Brazilian children from Pelotas and Porto Alegre from AQUIFONO (PUCRS/UFPEL) were analyzed. The specific objectives of the study are: (i) to describe and analyze early speech data with a focus on BP palatal consonants; (ii) describe and analyze the strategies observed in the acquisition of Portuguese palatals by Brazilian children; (iii) discuss the acquisition data in light of results on palatals in diachrony and in the acquisition of writing. The results show that acquisition occurs in the following order: /ɲ<ʎ<ʒ<ʎ/, corroborating findings from previous research on the acquisition of palatals. Among the strategies observed, there was a predominance of phonetic zeros for the /ɲ/ segment and the production of alveolar counterparts, above 50%, for the other palatal ones.

**Keywords:** palatal consonants; language acquisition; diachrony.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AQUIFONO	Banco de Dados de Aquisição Fonológica
BATALE	Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita
GEALE	Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita
INIFONO	Banco de Dados de Aquisição Fonológica Inicial
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UFPel	Universidade Federal de Pelotas

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Sistema fonológico das consoantes do latim clássico	22
Figura 2	Sistema consonantal do latim vulgar	23
Figura 3	Evolução do grupo consonantal <i>cl</i>	26
Figura 4	Evolução da fricativa palatal no Português	27
Figura 5	Sistema consonantal da primeira fase do português arcaico	28
Figura 6	Sistema consonantal da segunda fase do português arcaico	28
Figura 7	Sistema consonantal do português moderno	29
Figura 8	Escala de sonoridade proposta por Bonet e Mascaró (1996)	32
Figura 9	Esquema de evolução das sequências <i>kl</i> , <i>pl</i> e <i>fl</i> segundo Williams (2001)	32
Figura 10	Sonoridade da sequência <i>/kʲ/</i> , segundo a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996)	33
Figura 11	Sonoridade da sequência <i>/kʲ/</i> , segundo a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996)	33
Figura 12	Geometria do segmento complexo <i>/kʲ/</i>	34
Figura 13	Oferta da articulação secundária	35
Figura 14	Geometria de traços da africada <i>/tʃ/</i>	35
Figura 15	Desligamento da borda esquerda do <i>/tʃ/</i>	36
Figura 16	Evolução da sequência <i>gʲ</i> , segundo Williams (2001)	36
Figura 17	Proposta de evolução da consoante velar seguida de vogal coronal	37
Figura 18	Sequência [g + vogal coronal]	37
Figura 19	Espraiamento do nó Vocálico para o PC	38
Figura 20	Geometria de traços da consoante palatalizada <i>/gʲ/</i>	38
Figura 21	Suspensão do traço [dorsal] e realização da articulação secundária	39
Figura 22	Consoante palatalizada <i>/dʲ/</i>	40
Figura 23	Resultado do apagamento da estrutura do segmento plosivo	41

Figura 24	Motivação do processo de palatalização de /ʎ/	42
Figura 25	Motivação do processo de palatalização de /ʎ/	42
Figura 26	Motivação do processo de palatalização de /ʎ/	42
Figura 27	Espraiamento do nó Vocálico para o PC da consoante	43
Figura 28	Líquida palatal	44
Figura 29	Processo de assimilação-espraiamento do nó de raiz do /l/	45
Figura 30	Dissimilação/mudança do traço [vocoide] e atualização do nó Vocálico	45
Figura 31	Espraiamento do nó vocálico de /j/ para /l/	46
Figura 32	Geometria de traços da sequência /ni/	47
Figura 33	Espraiamento do nó Vocálico	48
Figura 34	Geometria de traços da consoante nasal palatal	48
Figura 35	Estágios da evolução de /gn/	49
Figura 36	Ordem de aquisição das consoantes do português em <i>onset</i> de sílaba medial por crianças brasileiras	51
Figura 37	Relações entre o conhecimento fonológico e a aquisição da escrita	54
Figura 38	Processo de aquisição do /ʃ/: substituição do /j/ por [s]	75
Figura 39	Estrutura arbórea das fricativas palatais	75
Figura 40	Processo de substituição das fricativas palatais pelas alveolares	76
Figura 41	Espraiamento do nó VOCÁLICO	76
Figura 42	Processo de palatalização da consoante	77
Figura 43	Processo de aquisição do /ʒ/: substituição do /ʒ/ por [z]	81

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Dados da escrita de crianças brasileiras retirados do terceiro Estrato do BATALE	55
Tabela 2	Produção versus não produção de /ɲ/ por faixas de idade	62
Tabela 3	Distribuição geral da ocupação do espaço da nasal palatal /ɲ/, por faixas etárias	65
Tabela 4	Exemplos da ocupação do espaço da nasal palatal /ɲ/, por faixas etárias	66
Tabela 5	A produção de /ɲ/ em relação à tonicidade da sílaba	67
Tabela 6	Resultados relativos à produção ou não de /ʎ/	68
Tabela 7	Distribuição geral da ocupação do espaço da lateral palatal /ʎ/, por faixas etárias	69
Tabela 8	Efeito tonicidade na produção de /ʎ/ em relação à tonicidade da sílaba	71
Tabela 9	Resultados relativos à produção ou não de /ʃ/	72
Tabela 10	Distribuição geral da ocupação do espaço da fricativa palatal surda /ʃ/, por faixas etárias	74
Tabela 11	Efeito tonicidade na produção de /ʃ/ em relação à tonicidade da sílaba	78
Tabela 12	Resultados relativos à produção ou não de /ʒ/	79
Tabela 13	Distribuição geral da ocupação do espaço da fricativa palatal sonora /ʒ/, por faixas etárias	80
Tabela 14	Efeito tonicidade na produção de /ʒ/ em relação à tonicidade da sílaba	82

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 Faixas etárias em que foram divididos os sujeitos da pesquisa 60

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1	Comparação na aquisição das consoantes palatais	83
-----------	---	----

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>17</b>
<b>1 Fundamentação teórica</b>	<b>21</b>
1.1 Aspectos da diacronia e do sistema consonantal do português	21
1.2 A inclusão das palatais no português à luz da Fonologia Autossegmental	31
1.2.1 O advento das fricativas palatais	32
1.2.2 As soantes palatais	41
1.3 Aquisição da linguagem	50
1.3.1 Aquisição da fala	50
1.3.2 Aquisição da escrita	52
<b>2 Procedimentos metodológicos</b>	<b>59</b>
2.1 Amostra dos dados	59
2.2 Os sujeitos, os dados e os instrumentos de coleta	60
<b>3 Descrição e análise dos resultados</b>	<b>62</b>
3.1 Soantes palatais	62
3.1.1 Nasal palatal: produção ou não produção	62
3.1.1.1 Nasal palatal: a ocupação do espaço de /ɲ/	64
3.1.1.2 Nasal: efeito da tonicidade na produção de /ɲ/	66
3.1.2. Líquida palatal: produção ou não produção	67
3.1.2.1 Líquida palatal: a ocupação do espaço de /ʎ/	69
3.1.2.2 Líquidas: efeito da tonicidade na produção de /ʎ/	70
3.2 Fricativas palatais	71
3.2.1 Fricativa palatal [-sonoro]: produção alvo ou não produção alvo	71
3.2.1.1 Fricativa palatal [-sonoro]: a ocupação do espaço de /ʃ/	73
3.2.1.2 Fricativa surda: efeito da tonicidade na produção de /ʃ/	78
3.2.2 Fricativa palatal [+sonoro]: produção alvo ou não produção alvo	79

3.2.2.1 Fricativa palatal [+sonoro]: a ocupação do espaço de /ʒ/	79
3.2.2.2 Fricativa sonora: efeito da tonicidade na produção de /ʒ/	81
<b>4 Considerações finais</b>	<b>85</b>
<b>Referências</b>	<b>89</b>

## Introdução

Toda língua está em constante transformação, seja por mudanças na sua constituição, seja pela incorporação de novos elementos ao seu repertório lexical. Os estudos linguísticos que se ocupam da mudança da estrutura da língua ao longo do tempo foram definidos por Saussure como diacrônicos. Cabe salientar a importância desses conhecimentos para a compreensão de certos fenômenos fonológicos que ocorrem na língua, incluindo-se a relação entre diacronia e aquisição.

Reconhecendo a importância dos saberes diacrônicos para a compreensão do funcionamento da língua e também de fenômenos da aquisição e tendo em conta que as consoantes palatais ainda merecem investigações no que tange ao desenvolvimento fonológico, a proposta desta dissertação é a análise do processo de aquisição das palatais na fonologia de crianças brasileiras.

Quando se deu a passagem do latim para a língua portuguesa, o inventário fonológico do sistema consonantal sofreu alguns processos de transformação. Estudos diacrônicos mostram que as consoantes palatais /ʃ, ʒ, ʎ, ɲ/ não faziam parte do sistema consonantal do latim clássico, mas fazem parte do inventário consonantal do português brasileiro. As palatais são aquelas consoantes pronunciadas pelo contato entre o dorso da língua e o palato. Dessa maneira, as palatalizações românicas, não só as portuguesas, resultaram de complexas mudanças fonéticas que Silva (2001) atribui à presença de uma vogal ou semivogal palatal /i,j/ seguindo consoantes oclusivas.

Dentre os processos ocorridos, Silva (2001) destaca os que compreendem o adir das soantes palatais /ʎ,ɲ/ a partir de mudanças na sequência 'ni', enquanto a lateral palatal teria surgido de sequências como 'li', 'lli', 'cl', 'gl', e 'pl'. Já o surgimento das fricativas surda /ʃ/ e sonora /ʒ/ seria decorrente, segundo Willians (1973), de ambientes fonológicos específicos. Para o autor, o segmento /ʃ/ tem como uma de suas origens as sequências latinas /kl/, /pl/ e /fl/, onde o /l/, pelo processo de enfraquecimento da consoante líquida, passa a glide por assimilação do traço [coronal], resultando no segmento de contorno /f/ e, por fim, na fricativa surda. Willians (1973) propõe um processo de

modificações na presença da plosiva velar sonora seguida de vogal média ou alta anterior as quais, ao longo do percurso, originaram a fricativa sonora.

De acordo com Wetzels (1992, 1997) e Matzenauer (2000), as palatais são complexas do ponto de vista da sua estrutura interna por apresentarem em sua geometria de traços (CLEMENTS e HUME, 1995) duas articulações: uma primária no ponto de consoante e outra secundária no ponto de nó vocálico.

Tavares (2019) destaca que, durante o processo de aquisição da linguagem, a criança amadurece o seu entendimento sobre as unidades e as regras que estão presentes na gramática da língua alvo, inclusive no âmbito fonológico. Dessa forma, os segmentos consonantais e vocálicos vão sendo adquiridos progressivamente, dos menos complexo, adquiridos precocemente, para os segmentos mais complexos, adquiridos mais tardiamente.

A partir dessa ideia, convém abordar Matzenauer (2002) ao questionar-se, comparando os sistemas linguísticos de crianças e adultos, por que algumas formas são consideradas como exclusivamente pertencentes ao processo de aquisição da linguagem e outras como variação da fala adulta. Matzenauer (2002) então salienta que um aspecto comum ao comportamento fonológico, independentemente de aquisição ou variação, é o fato de os processos fonológicos serem empregados em ambos, como *assimilação*, *metátese* e *epêntese*, por exemplo.

Estudos em aquisição da linguagem têm revelado que as soantes palatais são consoantes que passam a integrar o inventário de sons das crianças mais tardiamente, sendo a palatal nasal /ɲ/ produzida a partir dos 1:7 (FREITAS, 2004) e a palatal líquida /ʎ/ em torno dos 3:6 (RIBAS e MEZZOMO, 2004). Observações de Matzenauer-Hernandorena (2000) revelam que por volta dos 2:0 anos a criança já adquiriu o /ɲ/; e por volta dos 4:0 anos é que o processo de aquisição do /ʎ/ se estabiliza.

Já no que se refere às fricativas palatais, que também são de aquisição tardia em se comparando com as outras fricativas do português, Oliveira (2004) analisou que o /ʃ/ se encontra adquirido aos 2:6 e verificou o efeito da posição na palavra como fator favorável à sua produção, sendo que a posição de *onset* medial, como em *ca/ʃ/orro* (*cachorro*), por exemplo, foi a mais favorável à produção. Para o fonema /ʒ/, o contexto seguinte mostrou-se mais favorável, sendo a vogal seguinte, a vogal /u/ (*jura*), favorecedora.

No que diz respeito ao processo de aquisição da escrita, interpretado como parte integrante da aquisição da linguagem, o estudo de Tavares (2019) mostra que nos textos analisados há uma incidência pequena de erros, na representação das palatais, do ponto de vista quantitativo, 3,16%, mas que, qualitativamente, se trata de um importante conjunto de dados capaz de revelar as complexidades impostas às crianças ao terem de, em suas escritas iniciais, registrar esta classe de sons, especificamente as soantes palatais. Foram identificados erros motivados pela fonologia, tais como o registro da porção consonantal ou da porção vocálica dos segmentos, <l> e <n> ou <i>, para /ʒ/ e /ʎ/, respectivamente. Além disso, foram verificadas trocas segmentais da lateral palatal pela líquida não lateral e o registro das duas porções constitutivas do segmento por meio da sequência <li> e <ni>. Parte dos erros apresenta motivação ortográfica, a qual pode ser exemplificada pelo uso do H, para as soantes, ou de grafema que representa a fricativa <ch> ou ainda dos grafemas <lh> e <nh> para as soantes nasal e líquida, respectivamente (MIRANDA, 2014).

Assim, tendo em vista a relevância do tema relativo às palatais e também a ausência de um estudo específico sobre aquisição fonológica dessa classe segmental, define-se o objetivo deste estudo, qual seja, investigar o comportamento das consoantes palatais, na aquisição fonológica de crianças brasileiras. Em vista disso, os objetivos específicos do estudo são três:

- i. descrever e analisar dados de fala inicial com foco nas consoantes palatais do português brasileiro (PB);
- ii. descrever e analisar as estratégias observadas na aquisição da linguagem de palatais do português por crianças brasileiras;
- iii. discutir os dados de aquisição fonológica à luz de resultados de estudos sobre as palatais na diacronia e na aquisição da escrita.

O trabalho está estruturado, no texto que segue, da seguinte forma, além desta introdução, que traz a definição do tema, uma breve justificativa e os objetivos do estudo. No primeiro capítulo, encontra-se a fundamentação teórica, onde são expostas as principais questões teóricas das diferentes áreas do conhecimento abordadas no trabalho. São tecidas considerações teóricas que se estendem desde as constantes mudanças e influências que ocorreram, nas consoantes palatais, do latim até o sistema atual, chegando-se a um exame da literatura sobre o processo de aquisição da linguagem, tanto da aquisição da fala

como da escrita. No segundo capítulo, é descrita a metodologia da pesquisa: caracterizam-se os sujeitos que produziram os dados, definem-se as variáveis consideradas e, por fim, apresentam-se os procedimentos de análise dos dados. No terceiro capítulo são descritos os dados obtidos na investigação e são discutidos e analisados os resultados em consonância com os fundamentos do estudo. Na quarta seção são apresentadas as considerações finais junto das conclusões alcançadas.

## **1 Fundamentação teórica**

Este capítulo é dedicado ao aporte teórico que fundamenta a presente pesquisa, dividindo-se em três subseções.

Nas subseções 1.1 e 1.2, será feita uma discussão acerca da transição do latim ao português sobre as consoantes que são o tema da pesquisa. A seguir, em 1.3, faz-se uma revisão de literatura sobre estudos em aquisição e processamento da linguagem, a partir de diferentes modelos teóricos e metodologias, evidenciando a aquisição fonológica e a aquisição da escrita, bem como a relação que se pode estabelecer entre a aquisição da escrita e a consciência fonológica, com foco nas consoantes que são o objeto da presente investigação.

### **1.1 Aspectos da diacronia e do sistema consonantal do português**

As línguas do mundo estão em constante modificação e recebem influências de diferentes ordens a todo instante, o que promove uma mudança lenta e nem sempre previsível. No caso do latim ao português, foram muitos séculos até o sistema atual, o português moderno, instituir-se.

Convém lembrar que o latim sofreu várias transformações ao longo de anos, passando a apresentar duas modalidades cada vez mais distintas: a clássica e a vulgar. Tavares (2019) define o latim clássico como uma linguagem mais rebuscada empregada na literatura e utilizada por parte da população romana com acesso à educação e pertencente às classes sociais mais altas. O latim vulgar, por outro lado, de acordo com Coutinho (1974), era aquele compreendido pelos falares das comunidades sociais mais humildes.

Em Coutinho (1974) vamos encontrar o seguinte esclarecimento acerca da expansão do latim vulgar:

Contido durante muito tempo, em suas expansões naturais, pela ação dos gramáticos da literatura e da classe culta, o latim vulgar se expande livremente mais tarde, com a ruína do Império Romano e o avassalamento dos seus domínios pelas hordas bárbaras, cuja consequência foi, e não podia deixar de ser, o fechamento de escolas e o desaparecimento da aristocracia, onde se cultivavam as boas letras (COUTINHO, 1974, p. 30).

Em virtude das circunstâncias mencionadas e pelo fato de povos tão diversos pela língua e pelos costumes passarem a fazer uso do mesmo idioma, o latim encerrava as motivações para tais diferenciações e as transformações sofridas que, em cada região, deram origem às várias línguas neolatinas.

Como descrito por Coutinho (1974), a literatura latina era uma espécie de círculo fechado às manifestações da vida popular, onde os escritores evitavam o emprego de palavras ou expressões pejorativas. No estudo do latim vulgar, é imprescindível abordar a importância dos escritores da “decadência” romana, os quais escreviam com simplicidade, fugindo a regras ou traços peculiares do latim clássico.

De acordo com Tavares (2019), a tradição literária do latim teve seus primeiros registros no século III a. C. e este material linguístico escrito por autores como Cícero, Augusto e Virgílio, em latim clássico, chegou aos estudiosos, sendo a variedade do latim mais conhecida nos dias de hoje. As poucas fontes referentes ao latim falado abrangem: as reparações dos gramáticos em frases usuais; os comediantes quando da representação da fala de pessoas do povo; as epígrafes de artistas não pertencentes à nobreza; o desleixo dos escritores; e o estudo das línguas românicas.

Em virtude de este trabalho focar palatais, classe de consoantes que entraram na língua por meio de metaplasmos, é interessante fazer referência à evolução fonológica do inventário consonantal do latim ao português. Conforme Ilari (1999, p. 77), o sistema consonantal do latim clássico consistia em 17 consoantes, abrangendo as semivogais /j/ e /w/ e a aspirada /h/, conforme mostrado na Figura 1.

Figura 1 - Sistema fonológico das consoantes do latim clássico

	<b>Bilabial</b>	<b>Lábio-dental</b>	<b>Alveolar</b>	<b>Palatal</b>	<b>Velar</b>	<b>Lábio-velar</b>	<b>Uvular</b>
<b>Plosiva</b>	p b		t d		k g	k <sup>w</sup> g <sup>w</sup>	
<b>Fricativa</b>		f	s				h
<b>Nasal</b>	m		n				
<b>Lateral</b>			l				
<b>Vibrante</b>			r				
<b>Semivogal</b>	w				j		

Fonte: ILARI, 1999, p. 77.

Da transição do latim clássico para o latim vulgar, têm-se as seguintes transformações:

i. consoantes + j (tj, kj, dj, gj, lj, nj) tomam pronúncia palatal, como em *iuniu* (junho) e *folia* (folha).

ii. consoantes + l (pl, cl, tl, fl) passam a ser pronunciados com forte palatalização, como em *plicare* (chegar), *clamare* (chamar), *vetlu* (velho).

Na Figura 2, tem-se o sistema consonantal do latim vulgar de acordo com Ilari (1999, p. 78), composto por 14 consoantes, contendo as semivogais /j/ e /w/.

Figura 2 - Sistema consonantal do latim vulgar

	<b>Bilabial</b>	<b>Lábio-dental</b>	<b>Alveolar</b>	<b>Palato-alveolar</b>	<b>Palatal</b>	<b>Velar</b>
<b>Plosiva</b>	p b		t d			k g
<b>Fricativa</b>		f	s			
<b>Nasal</b>	m		n			
<b>Lateral</b>			l			
<b>Vibrante</b>			r			
<b>Semivogal</b>	w				j	

Fonte: ILARI, 1999, p.78.

Ao serem comparados os dados das Figuras 1 e 2, é possível observar que no latim vulgar houve a perda de segmentos produzidos na posição mais posterior da cavidade oral, labiovelares e uvulares, mantendo-se intacto o conjunto de segmentos produzidos nas posições mais anteriores, os quais produzirão mais contrastes nas línguas românicas.

Para Williams (1975 [1961]), a diferenciação do latim vulgar de uma região para outra deu origem a várias línguas românicas por motivos de:

- i. separação populacional;
- ii. aperfeiçoamento de princípios e ideologias distintas;
- iii. alteração de seus costumes e condições educacionais;
- iv. período de romanização;
- v. diversos dialetos na fala de agricultores italianos;
- vi. essências originais da língua;
- vii. invasão ou colonização – nestes casos, o povo conquistado “abandona” a sua língua e passa a adotar a língua do povo colonizador, que se enriquece com termos referentes a traços específicos da cultura do povo conquistado.

Em relação ao período de romanização, Tavares (2019) salienta que no ano de 208 os romanos chegaram à Península Ibérica dominando o território e a população, trazendo o latim escrito como língua oficial, exceto para os bascos, expandindo assim o latim falado e agregando novos léxicos. Em meados de 711, os muçulmanos ocuparam o território da península, influenciando o falar do povo com a sua língua que era o Árabe. Logo depois os cristãos dispersaram os muçulmanos que reocuparam o seu espaço, formando, assim, as três línguas peninsulares: o Castelhana no centro, o Catalão a leste e o Galego-Português a oeste.

Quanto ao surgimento do português que conhecemos hoje, Nunes (1945) discorre:

É impossível fixar a data do aparecimento do idioma de que hoje nos servimos e tem sido instrumento de uma brilhante literatura; tão pouco se pode determinar a época precisa em que os sons do latim popular se transformaram nos portugueses que lhes correspondem; essa transformação não surgiu de repente, mas foi-se operando lentamente; [...] as línguas, antes de se fixarem, sofrem sucessivas e constantes modificações. [...] Só do século XII em diante é que começam a aparecer documentos escritos por completo ou quase por completo em português [...] (NUNES, 1945, p. 14-15).

O autor sustenta a premissa de que, do século IX ao século XII, o português carecia de registros que atestassem as suas regras, sendo denominado português proto-histórico, sistema que antecedeu o português histórico do fim do século XII. Na perspectiva de Nunes (1945), a evolução da língua portuguesa estabelece a separação em duas fases: a arcaica, que compreende do século XII até a metade do século XVI, e a moderna, que continua até os dias atuais. Nunes (1945) admite a existência de outras duas fases anteriores: a pré-histórica, que engloba todo o período de maturação da língua, e a proto-histórica, que compreende ao período entre o século IX até o século XII, em que só há registros em latim bárbaro.

Nessa mesma perspectiva, Coutinho (1974) corrobora a premissa de Leite de Vasconcelos (1959), que separa a história da língua portuguesa em três épocas: pré-histórica, que vai dos primórdios da língua até o século IX, quando surgem os primeiros documentos latino-portugueses; proto-histórica, que abrange o período do século IX ao XII, quando os textos são redigidos em latim bárbaro e, de vez em quando, continham palavras portuguesas, o que já

confirma a existência do dialeto galaico-português, e histórica, que inicia no século XII, quando os textos são escritos apenas em português, visto que antes a língua era somente falada. Esta etapa divide-se em: arcaica (sec. XII ao XVI) e moderna (séc. XVI em diante).

Nas palavras de Nunes (1945) e Coutinho (1974), a língua portuguesa já existia desde o século IX na fala do povo, mas só depois do século XII é que se têm os primeiros registros. Tais escritos eram dotados de traços linguísticos do latim vulgar, o que mostra que o processo de transição de uma língua para outra não ocorre de uma hora para outra, e sim de forma gradativa. É o que ocorre na transição do latim para o português, em que determinados segmentos se transformaram e outros foram inseridos, como se observa em relação ao surgimento das consoantes palatais /ʃ/ ʒ/ λ, ɲ/, por meio do processo conhecido como palatalização.

É de conhecimento comum, levando em consideração o que fora levantado até o momento, que os escritos na fase de transição entre o latim e o galego-português eram redigidos em um latim que não era o usual em registros na época, conhecido como latim bárbaro. Nesses documentos, era empregada, na escrita, a variante falada. Admitiu-se, por um longo período, que o galego-português tivesse seus primeiros escritos datados no final do século XII, porém Teyssier (2004), ao contrário do que Nunes e Coutinho afirmam, sustenta que os primeiros textos escritos em português datam do começo do século XIII.

Ao longo da transição do latim para o português, sucederam numerosas mudanças linguísticas para a formação do sistema. Dentre as inovações fonéticas e fonológicas que ocorreram neste período de transição, a palatalização das consoantes é um fenômeno que agregou mudanças importantes para o inventário fonológico do português. Teyssier (2004, p. 11-15) destaca:

i. palavras com *i* ou *e* não tônicos, acompanhados de uma vogal, eram pronunciadas com um *yod*<sup>1</sup> em latim – a título de exemplo, *pretium*, *spongia*, *filiium*, *seniorem* –, originando daí os grupos fonéticos [ty], [dy], [ly], [ny] que se palatalizaram em [tsy], [dzy], [λ] e [ɲ].

<sup>1</sup> Para Araújo (2021, p. 9) a consoante *yod* é descrita como glide que se forma com a posição da língua na região da articulação do /i/.

ii. quando *l* ou *n* eram antecedidos ou seguidas por um *yod*, proveniente de *i* e *e* em hiato, essas consoantes passaram a /ʎ/ e /ɲ/ palatais ou, como explica Tavares (2019), as consoantes produzidas no palato mole, como em: *filium* > filho, *seniorem* > senhor, *teneo* > tenho.

iii. a ascensão do grupo consonantal *cl*, por exemplo, em *oc'lu* quando o [k] passa para *yod* [y]: *oc'lu* > *oylo*. Essa variação ocorre em todos os falares hispânicos, contudo, para o galego-português, o [y] passa para a palatal [ʎ], ao passo que no castelhano deriva a africada [dz], escrita *j*.

iv. com relação ao grupo [gy], por exemplo, *spongia*, a palatalização inicia com [džy], mas os resultados dependerão da posição dessa categoria na palavra. Têm-se, a título de exemplo, *hodie* > port. *hoje*, *spongia* > port. *esponja*. Em galego-português medieval a letra *j* representava a africada [dž]. Na origem destas variações fonéticas há, constantemente, uma palatalização.

v. sempre que o *yod* proveniente de *i* e *e* em hiato vinha antecedido de -ss-, esta consoante passou para [š] transcrito pela letra *x*; ex.: *rūssēum* > roxo.

Na Figura 3, Teyssier (2004, p.13) traz exemplos do processo evolutivo da sequência *cl*, a partir do latim clássico.

Figura 3 - Evolução do grupo consonantal *cl*

Latim clássico	Latim vulgar	Galego-português	Castelhano
ocūlum	oc'lu	olho	ojo
auricūla	orec'la	orelha	oreja
yetūlum	vec'lu	velho	viejo

Fonte: TEYSSIER, 2004, p.13.

É entre os séculos IX a XII que surgirá o galego-português, sendo que os primeiros textos escritos aparecerão somente no século XIII. A datar do século IX, têm-se registros de textos redigidos em um latim bastante errôneo (conhecido tradicionalmente como “latim bárbaro”) que, de vez em quando, se manifesta entre as formas da língua falada. Identifica-se, por exemplo, *abelia* (< *apicula*) em vez de *apis*, ou *conelium* (< *coniculum*), ou *ovelia* (< *ovicula*), dentre outros.

Quanto às alterações do galego-português interessa destacar:

i. As classes *pl-*, *cl-*, e *fl-* > *ch* ([tʃ]) passaram por uma palatalização do *l* em *onset* absoluto ou medial não seguido de consoante, fenômeno este que, em castelhano, perdeu a consoante inicial restando o *l* palatal, como em: *plaga* > cast. *llaga*, *clave* > cast. *llave*, *flamma* > cast. *llama*.

ii. Com o galego-português, a consoante inicial seguida de / palatal motivou a africada [tʃ], que foi transcrita por *ch*, como nos exemplos das palavras: *chaga* ([tʃaga]), *chave* ([tʃave]) e *chama* ([tʃama]).

Esta importante mudança diz respeito às palavras que constituem o fundo mais popular da língua, de acordo com Teyssier (2004, p.15), como se pode observar na Figura 4:

Figura 4 - Evolução da fricativa palatal no Português

	<i>Latim</i>	<i>Galego-português</i>	<i>Castelhano</i>
PI-	<i>plenu-</i>	<i>chẽo</i>	lleno
	<i>planu-</i>	<i>chão</i>	llano
	<i>plicare-</i>	<i>chegar</i>	llegar
CI-	<i>clamare-</i>	<i>chamar</i>	llamar
FI-	<i>flagare-</i>	<i>cheirar</i>	(não atestada)

Fonte: TEYSSIER, 2004, p. 15.

Williams (1975 [1961]) faz referência aos primeiros registros das soantes palatais, que Pedro A. d’Azevedo publicou em um livro de D. João Portel, onde consta a primeira ocorrência de *lh* datada em um documento de 1265 e *nh* em um documento de 1267. O autor afirma ainda que essas grafias foram tomadas por empréstimo provençal.

Sobre o processo de evolução dessas duas consoantes, Tavares (2019) faz um levantamento das ideias de Williams (1975 [1961]), Nunes (1945) e Vasconcelos (1959) sobre os processos que originaram as soantes palatais:

- nos primeiros documentos do português, o *ni*, *n* e *nn* foram usados para representar o /ɲ/ e *li*, *l*, *ll* foram usados para assinalar o /l/;
- os encontros consonantais *cl*, *tl*, *gl*, *pl*, em posição intervocálica, equivalem a *lh*: *speculu*> espelho, *vetlu*> velho, *tegla*> telha e *scopulum*> escolho;
- o *gl*, antecedido por consoante, transforma-se em *lh*: *senglo*> selhos, *cingla*> sinlha;
- *gn* torna-se *nh*: *ligna*> lenha, *signa*> senha, *cognatu*> cunhado, *cognoscere*> conhece.
- a consoante nasal /ɲ/ originou-se de /i/ em hiato com o intuito de separar as duas vogais e eliminando o segmento variável, como em: *vĩ-o* (< *vinu*) > vinho, *galĩ-a* (< *gallina*) > galinha, onde as sequências *-ĩ-o* e *-ĩ-a* transformam-se em *inho* e *inha*.
- *n* e *l*, ao entrar em contato com semivogais, tornam-se *nh* e *lh*:

ni> nh: iuniu> junho, linea> linha

li> lh: miliu> milho, palea> palha

Os processos de transição do latim ao português, bem como os eventos de palatalização, não ocorreram ao mesmo tempo e foram se difundindo ao longo dos anos. Os registros remotos do português, dos quais se tem conhecimento, datam do final do século XII, de acordo com Teyssier (2007), que cita o Testamento de Afonso II e a Notícia do Torto, fixando o início histórico do português arcaico. Para tanto, foram quatro séculos de diversas transformações na língua, até que no final do século XVI, pelo desaparecimento de quase todas as características distintivas do português arcaico, o português já se aproximava da mesma língua de hoje.

Com base nas discussões propostas por Neuschrnk (2015, p.75), Maia (1986, p.504) e Teyssier (2007, p.22), verifica-se que o português arcaico foi separado em duas fases: a primeira, galego-portuguesa, que tinha um formato do sistema consonantal, e a segunda, portuguesa, que tinha um sistema consonantal diferente da primeira, conforme apresentado nas Figuras 5 e 6.

Figura 5 - Sistema consonantal da primeira fase do português arcaico

	Bilabial	Lábio-dental	Alveolar	Palato-alveolar	Palatal	Velar
<b>Plosivas</b>	p b		t d			k g
<b>Africadas</b>			ts ds	tʃ dʒ		
<b>Fricativas</b>	β	f	s z	ʃ ʒ		
<b>Nasais</b>	m		n		ɲ	
<b>Laterais</b>			l		ʎ	
<b>Vibrantes</b>			r ř			

Fonte: MAIA, 2017, p.504.

Figura 6 - Sistema consonantal da segunda fase do português arcaico

	Bilabial	Lábio-dental	Alveolar	Palato-alveolar	Palatal	Velar
<b>Plosivas</b>	p b		t d			k g
<b>Africadas</b>				tʃ		
<b>Fricativas</b>		f v	s z	ʃ ʒ		
<b>Nasais</b>	m		n		ɲ	
<b>Laterais</b>			l		ʎ	
<b>Vibrantes</b>			r ř			

Fonte: MAIA, 2017, p.504.

Observa-se, pelos dados nas Figuras 5 e 6, que a segunda fase do português arcaico apresenta uma redução em seu inventário consonantal, com o desaparecimento das africadas alveolares e da africada palatal sonora.

Observa-se ainda a presença da contraparte sonora da fricativa labiodental e a perda da fricativa bilabial.

O português sofreu, do século XIV ao XVI, uma série de mudanças que tiveram como resultado a constituição das regras da morfologia e da sintaxe que integram a gramática até os dias atuais. Após as mudanças fonológicas, como as citadas ao longo do texto, o sistema consonantal do português moderno está estruturado como mostra a Figura 7.

Figura 7 Sistema consonantal do português moderno

	Bilabial	Lábio-dental	Alveolar	Palato-alveolar	Palatal	Velar
<b>Plosivas</b>	p b		t d			k g
<b>Fricativas</b>		f v	s z	ʃ ʒ		
<b>Nasais</b>	m		n		ɲ	
<b>Laterais</b>			l		ʎ	
<b>Tepe</b>			r			
<b>Vibrante</b>			r			

Fonte: TEYSSIER, 2004, p. 24.

Primeiramente, deu-se a conquista de novos territórios por Portugal no século XVI, como o Brasil, países da África e de outros continentes e ilhas, expandindo a língua portuguesa para locais com culturas e hábitos muito diferentes. Em seguida, em 1532, com as capitanias hereditárias, começa a colonização do Brasil, com os portugueses falantes de português europeu, os índios que falavam predominantemente o tupi e os africanos aprendendo o português. O aumento da imigração portuguesa e a ascensão dos valores culturais europeus ocasionaram o declínio e praticamente a extinção do bilinguismo português e tupi em favor do português.

Tavares (2019) cita Câmara Jr. (1975) ao dizer que os colonizadores tentaram impor no Brasil uma língua escrita seguindo os mesmos moldes do português europeu. Mas as divergências persistiram, já que a língua escrita brasileira estava em contato com a língua falada. E, além do mais, como a situação linguística do Brasil sofria interferências multiculturais a todo momento, era impossível a língua portuguesa brasileira manter a rigidez do português de Portugal.

Após a Independência do Brasil, em 1822, com a imposição cultural de Portugal, muitos brasileiros pensavam que seria impossível que o Brasil dispusesse de uma literatura própria, sem uma língua original.

De acordo com Teyssier (2007), foi no período do Romantismo, que se estendeu no Brasil até depois de 1870, que a questão da língua aqueceu os ânimos de escritores portugueses. Por exemplo, como cita Teyssier (2007), quando José de Alencar publicou *Iracema*, em 1865, foi acusado de escrever numa língua incorreta.

Ainda segundo Teyssier (2007), no final do século XIX e começo do século XX, os contistas regionalistas reproduzem a língua rude do povo, contudo, os grandes escritores são puristas em matéria de língua, como é o caso de Machado de Assis e Rui Barbosa.

Com o Modernismo, ocorre uma mutação cultural e artística no Brasil e a escola literária inicia em 1922 com a Semana de Arte Moderna de São Paulo. O movimento alia a recusa da tradição e dos estilos dos vanguardistas europeus com um esforço nacionalista voltado à originalidade brasileira. Em outras palavras, Teyssier (2004) resume que o Brasil esperou um século para conquistar a independência cultural.

Fomentado no fato de que algumas peculiaridades do português falado no Brasil foram ocasionadas pelo contato com as línguas indígenas e africanas, Tavares (2019) faz um levantamento dos estudos de Camara Jr. (1975), Coutinho (1976), Nunes (1967, 1975), Silva (2001), Teyssier (2004) e Williams (1975 [1961]) e elenca processos envolvendo a evolução das soantes palatais.

Para encerrar esta subseção, faz-se necessário referir as ideias de Neuschrack e Matzenauer (2012) de que a fonologia diacrônica possui a competência de elucidar tanto o percurso histórico de um sistema linguístico, quanto destacar que variações sincrônicas julgadas desvios na língua padrão são de fato repetições que vêm ocorrendo como etapas na evolução de um dado sistema. Também é relevante destacar que as consoantes palatais /ʃ, ʒ, ʎ, ɲ/, que são o foco do presente estudo, não integravam o inventário fonológico do latim clássico nem do latim vulgar (vejam-se as Figuras 1 e 2), aparecendo no português arcaico, em suas fases primeira e segunda (vejam-se Figuras 5 e 6).

No próximo subtópico são apresentados fundamentos da teoria da Fonologia Autossegmental e o processo de evolução das consoantes palatais, do latim ao português de hoje, é explicado com o suporte deste modelo teórico.

## 1.2 A inclusão das palatais no português à luz da Fonologia Autossegmental

A Fonologia Autossegmental é uma teoria fonológica não linear que admite a segmentação independente de partes dos sons das línguas, pois entende que não há uma relação bijectiva entre segmentos e traços que o constituem. De acordo com a teoria, os traços podem operar além ou aquém de um segmento e o apagamento de um segmento nem sempre resulta no desaparecimento de todos os traços que o compõem (CLEMENTS e HUME, 1995).

A partir do momento que os sons que compõem as fonologias das línguas deixaram de ser percebidos como conjuntos desordenados de traços e passaram a compor uma estrutura hierarquizada, foi possível estabelecer a diferenciação entre três tipos de segmentos: simples, complexos e de contorno, e também passou a haver um novo entendimento na explicitação das regras a que estes segmentos estão sujeitos.

É de suma importância frisar que há princípios que impõem limites à aplicação de regras fonológicas neste modelo de análise, como:

1. o Princípio do Contorno Obrigatório (*Obligatory Contour Principle* – OCP), em que elementos adjacentes idênticos são proibidos. Isto significa que o princípio proíbe elementos, traços ou nós adjacentes idênticos em uma dada camada. É por isso que em muitas línguas ocorre o processo de dissimilação, evitando a violação desse princípio.

2. o Princípio do Não-Cruzamento de Linhas, segundo o qual as linhas de associação que ligam os traços não se podem cruzar em qualquer processo fonológico.

Dentre as teorias não lineares, há, entre outras, a Teoria da Sílabas, na qual merece destaque a escala de sonoridade (*Sonority Scale*), que desempenha um papel importante na organização da sílaba. A seleção dos segmentos para a constituição silábica nas fonologias das línguas está relacionada com a posição que ele ocupa no interior da sílaba e as sequências de segmentos licenciadas obedecem à escala. Por exemplo, quando há sequências de elementos constituindo o ataque ou a coda, estas possuem sonoridade crescente em direção ao núcleo.

Na Figura 8 tem-se a ilustração da escala proposta por Bonet e Mascaró para as línguas românicas (1996, apud Neuschrnk e Matzenauer, 2012).

Figura 8 - Escala de sonoridade proposta por Bonet e Mascaró (1996)

Plosivas	Fricativas r-forte	Nasais	Líquidas laterais	Glides/ r-fraco	Vogais
0	1	2	3	3	5

Fonte: NEUSCHRANK e MATZENAUER, 2012, p.22

A organização dos traços que compõem os segmentos e a estrutura silábica são aspectos relevantes para o processo de palatalização na história do PB, conforme relatam Neuschrnk e Matzenauer (2012).

Trazem-se, na subseção 1.2.1, os processos fonológicos anteriores ao advento das fricativas palatais na língua e, em seguida, em 1.2.2, o mesmo destaque será apresentado às soantes palatais.

### 1.2.1 O advento das fricativas palatais

Duas fricativas palatais foram introduzidas no inventário fonológico do português: /ʃ/ e /ʒ/. O segmento /ʃ/, que não existia no latim, tem uma de suas origens nas sequências latinas /kl/, /pl/ e /fl/. A palatalização sofrida por esses elementos consonantais encontra na formação da sílaba a sua motivação. Para Williams (2001), o desenvolvimento do latim ao português teria ocorrido de acordo com o seguinte esquema, reproduzido na Figura 9:

Figura 9 - Esquema de evolução das sequências kl, pl e fl segundo Williams (2001)

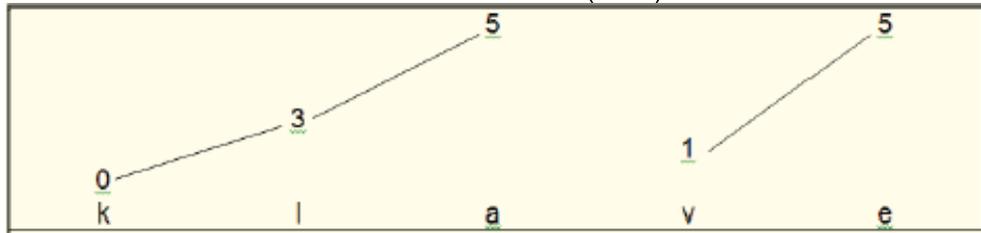
<p>/p,k,f/ + /l/ &gt; /p,k,f/ + /j/ &gt; /tʃ/ &gt; /ʃ/  Logo,  [klave] &gt; [kjave] &gt; [tʃave] &gt; [ʃave]</p>
--

Fonte: NEUSCHRANK e MATZENAUER, 2012, p.23

Neuschrnk e Matzenauer (2012) explicam que em sílabas complexas, cuja segunda consoante é a líquida lateral /l/, ocorre o enfraquecimento da consoante líquida, que passa a glide. Desta maneira, considerando a escala de sonoridade na formação da estrutura silábica, esse fenômeno é satisfatoriamente esclarecido: a segunda consoante do *onset* complexo tem sua

sonoridade aumentada, com o intuito de atingir maior distância no grau de sonoridade entre C1 e C2.

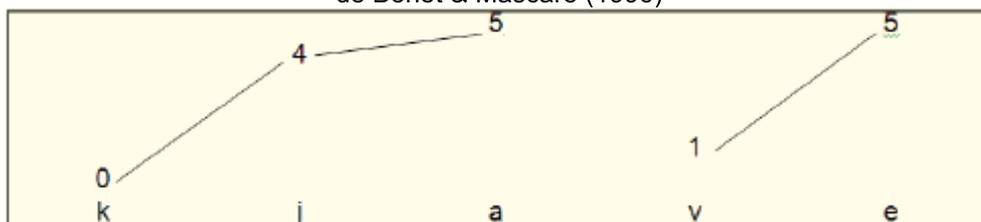
Figura 10 - Sonoridade da sequência /kl/, segundo a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996)



Fonte: NEUSHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 23.

Já na Figura 11, de acordo com Neuschrnk e Matzenauer (2012), pode-se observar o fenômeno de enfraquecimento da líquida com o distanciamento de sonoridade entre os dois elementos do *onset*, tornando-a um glide palatal. Estudos diacrônicos apontam que, no latim, quando uma líquida se apresenta em posição seguinte a um outro segmento consonantal, o /l/ é considerado “turvo”, suscetível à vocalização. Isso porque há grande propensão à busca de maior distância de sonoridade entre segmentos que formam *onset* complexo no latim. É o segmento palatal, de natureza vocálica, que motiva o processo de palatalização da consoante precedente.

Figura 11 - Sonoridade da sequência /kj/, segundo a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996)



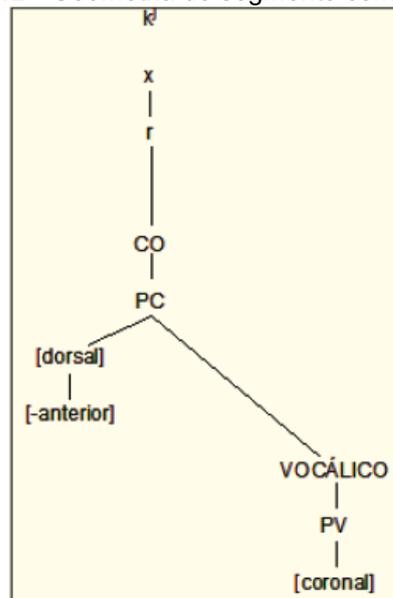
Fonte: NEUSHRANK e MATZENAUER, 2012, p.24.

A próxima etapa da passagem da sequência /kj/ para /ki/ constitui uma assimilação, pela consoante, do traço [coronal] do glide; a consoante, nesse momento, passa a funcionar com a estrutura interna de dois segmentos vizinhos, sendo um deles coronal, que ocupa a mesma posição de *onset* silábico.

De acordo com Neuschrnk e Matzenauer (2012), é muito provável que tenha ocorrido a palatalização /ki/ que depois passou para /ti/ por influência do traço [coronal] do segmento vocálico, para então originar a africada palato-

alveolar /tʃ/. Observe que as consoantes palatalizadas /kʲ/ e /tʲ/ possuem a estrutura interna de segmentos complexos, com uma articulação primária consonantal (identificada pelo traço de ponto), sob o nó PC, e com uma articulação secundária vocálica (identificada pelo traço de ponto) sob o nó PV, segundo mostrado na Figura 12.

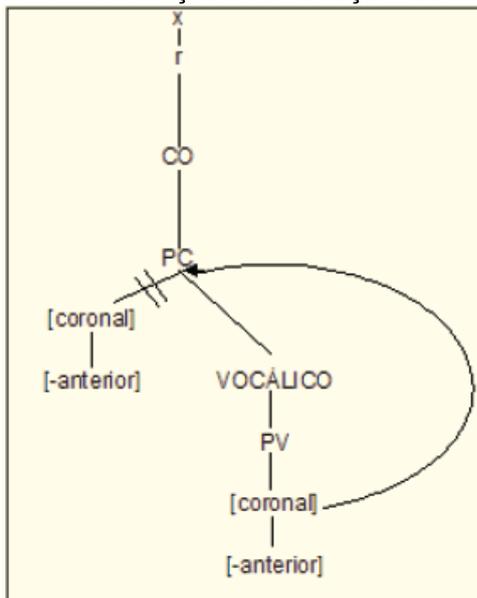
Figura 12 - Geometria do segmento complexo /kʲ/



Fonte: NEUSHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 25.

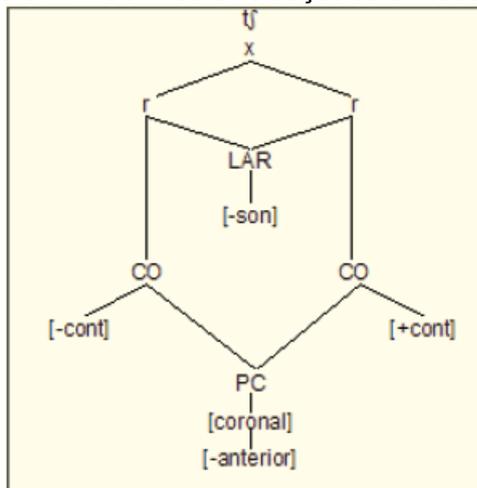
Neuschrnk e Matzenauer (2012) mencionam que depois da implementação da consoante dorsal palatalizada /kʲ/, o ponto de articulação primário do segmento passa de [dorsal] para [coronal], dando origem à consoante coronal palatalizada /tʲ/. A partir da forma palatalizada, a produção da consoante coronal africada dá-se em razão da junção da articulação secundária à primária, bifurcando-se a consoante em duas raízes, segundo as Figuras 13 e 14.

Figura 13 - Promoção da articulação secundária



Fonte: NEUSHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 25.

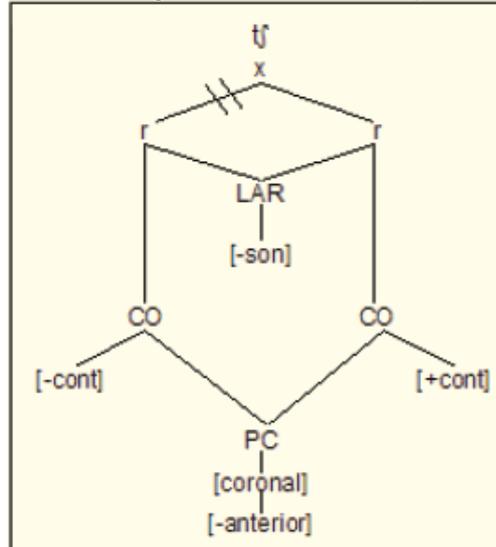
Figura 14 - Geometria de traços da africada /tʃ/.



Fonte: NEUSHRANK e MATZENAUER, 2012, p.26.

E, por último, dispõe-se da passagem do segmento de contorno /tʃ/ para a fricativa /ʃ/. Diante disso, a africada tem a sua borda esquerda desligada, como mostra a Figura 16.

Figura 15 - Desligamento da borda esquerda do /tʃ/



Fonte: NEUSCHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 26.

Passando à análise das origens da fricativa alvéolo-palatal /ʃ/, Neuschrack e Matzenauer (2012) referem que, para Williams (2001[1961]), esse segmento surgiu de:

- i. /g/ inicial ou medial antes de /e/ ou /i/: /ge/ntem> /ʃ/ente; /gi/n/gi/uam>/ʃ/en/ʃ/iva; vi/gi/lantia>vi/ʃ/ilância; fu/gi/o> fu/ʃ/o;
- ii. /i/ inicial ou intervocálico: /i/urare>/ʃ/urar; cu/i/um>cu/ʃ/o;
- iii. /d/ seguido de /i/, precedido de vogal: ho/di/e>ho/ʃ/e; a/di/utare>a/ʃ/udar; vi/de/o>/vi/di/o>ve/ʃ/o.

Mais uma vez, fica saliente a existência do segmento vocálico palatal como estímulo ao processo de palatalização que garantiu o surgimento da nova fricativa no inventário consonantal do português

. Ainda segundo as análises de Williams (2001), a plosiva velar sonora seguida de vogal média ou alta anterior passou pelas seguintes modificações apresentadas na Figura 16.

Figura 16 - Evolução da sequência gj, segundo Williams (2001)

[g] > [gj] > [j] > [dʒ] > [ʒ]

Fonte: NEUSCHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 27.

Percebe-se, durante a evolução, a perda do segmento plosivo /g/, cujo espaço é preenchido por um segmento de mesmo modo de articulação /d/ para culminar com a emergência do segmento /ʒ/, conforme é exposto na Figura 17.

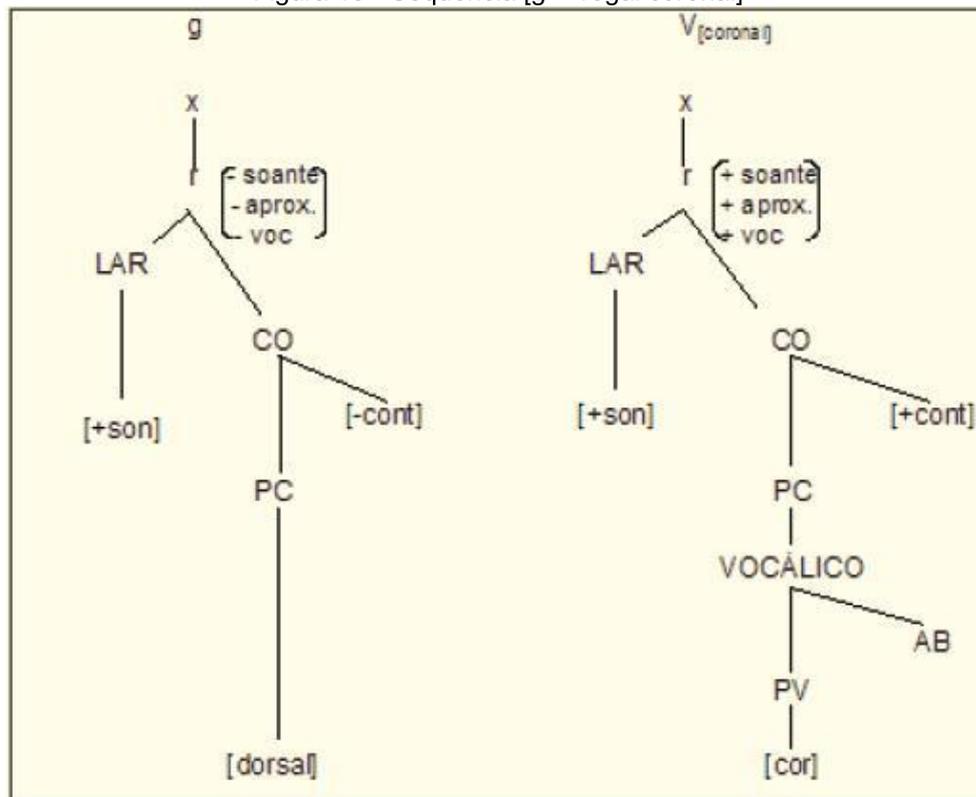
Figura 17 - Proposta de evolução da consoante velar seguida de vogal coronal

**[g + V coronal] > [gʲ] > [j] > [dʲ] > [dʒ] > [ʒ]**

Fonte: NEUSCHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 27.

Por meio da representação autossegmental, é possível observar a configuração dos elementos envolvidos no processo de palatalização em investigação:

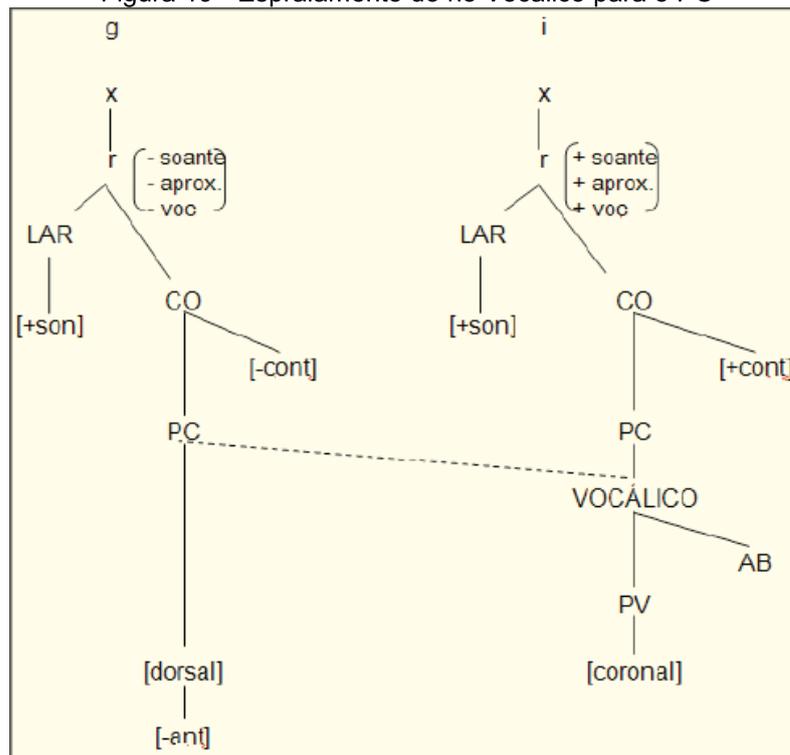
Figura 18 - Sequência [g + vogal coronal]



Fonte: NEUSCHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 28.

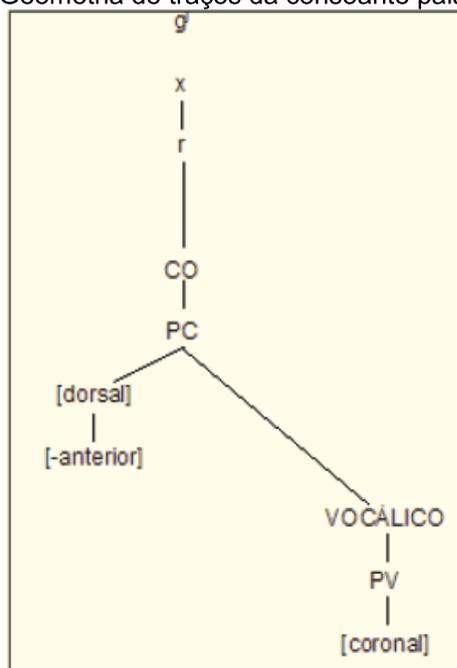
Observa-se na Figura 18 a representação do início do processo que desencadeia uma plosiva velar palatalizada. Então, para a formação da consoante palatalizada, segundo Neuschrnk e Matzenauer (2012), dá-se o espraiamento do nó vocálico da vogal palatal /i/ para o PC, sem desligamento de traços da consoante, o que resulta em uma plosiva velar palatalizada. O resultado é o surgimento da consoante complexa /gʲ/, que possui uma articulação primária consonantal e uma secundária vocálica, que advém do espraiamento do traço [coronal] do PV da vogal para o PC da consoante, como mostra a Figura 19:

Figura 19 - Espreadimento do nó Vocálico para o PC



Fonte: NEUSHRANK e MATZENAUER, 2012, p.29.

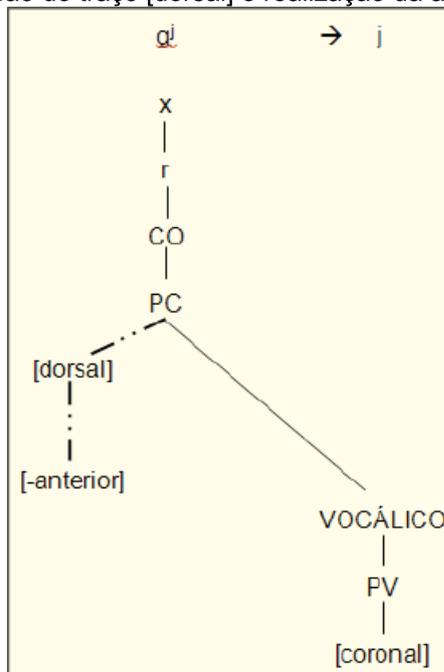
A partir do contexto da consoante palatalizada /g<sup>j</sup>/, segundo Neuschrnk e Matzenauer (2012), surge a configuração da estrutura arbórea representada na Figura 20.

Figura 20: Geometria de traços da consoante palatalizada /g<sup>j</sup>/

Fonte: NEUSHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 29.

Desta forma, os nós Vocálico e Ponto de Vogal são inseridos na estrutura interna do segmento consonantal /g/. Subsequentemente, há o desligamento da articulação primária da consoante palatalizada /gʲ/, mas com efeito suspensivo, como se explicará a seguir.

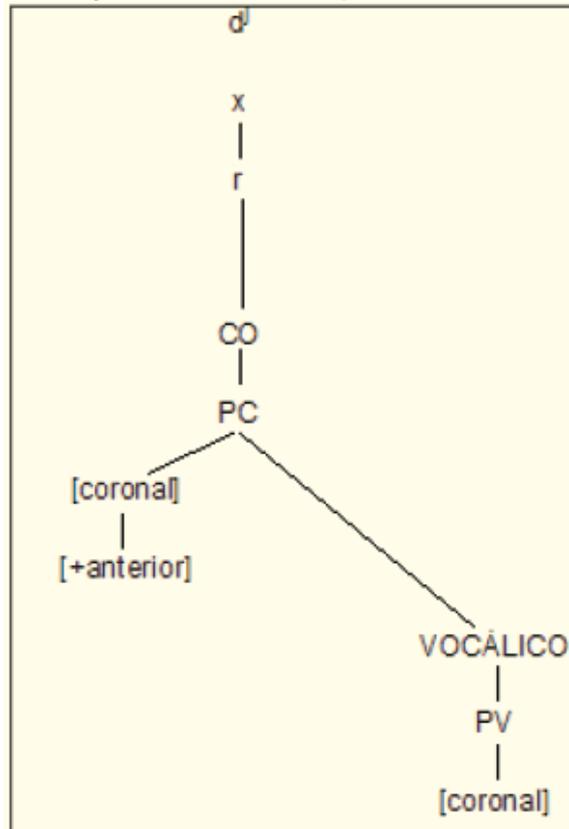
Figura 21 - Suspensão do traço [dorsal] e realização da articulação secundária



Fonte: NEUSCHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 30.

A respeito da consoante palatalizada /gʲ/, ao ser desligado o traço [dorsal] da articulação primária, passa a haver produção apenas da articulação secundária, que caracteriza um segmento vocálico.

Um fato que Neuschrnk e Matznauer (2012) trazem à tona é a perspectiva de se considerar todo apagamento como uma suspensão, o que explicaria a possibilidade de haver o desligamento da borda esquerda da consoante palatalizada /gʲ/, destacando as características vocálicas presentes no segmento, e, logo após, voltar a se efetivar como segmento complexo, mudando de [dorsal] para [coronal], resultando, assim, em uma africada sonora. Em resumo, o que ocorre é que a língua trata de preencher o espaço “vazio” do segmento, antes ocupado pelos traços consonantais, recuperando a estrutura interna de /g/, afetada pelo traço [coronal] do glide, e, como resultado, surge o segmento /dʲ/.

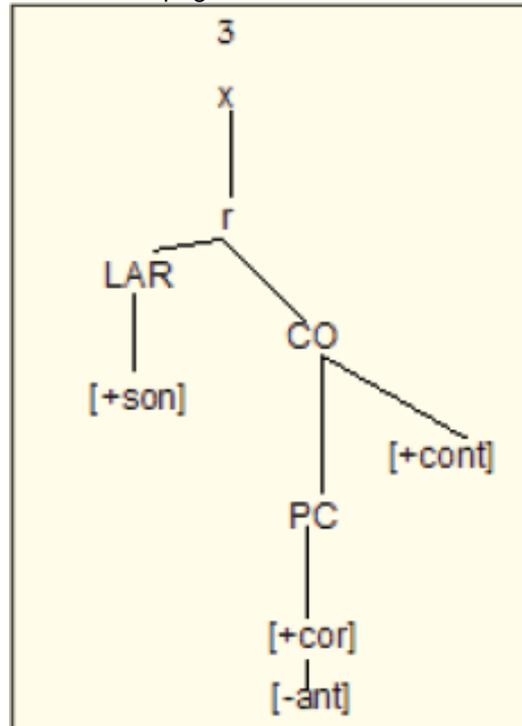
Figura 22 - Consoante palatalizada /d<sup>i</sup>/

Fonte: NEUSCHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 31.

Assim, mais uma vez surge uma consoante palatalizada, no entanto, agora com os traços [coronal] [+anterior], justamente por influência da articulação secundária do segmento complexo.

Agora resta a evolução da consoante palatalizada /d<sup>i</sup>/ passar à consoante africada /dʒ/. Para que isto ocorra, segundo Neuschrnk e Matznauer (2012), há a promoção do traço secundário [coronal] à articulação primária e, depois, uma cisão no segmento. O segmento resultante possui sequências de mesmo traço em diferentes valores, o que remete ao chamado “efeito fonológico de borda”. Em outras palavras, ele comporta-se em relação a uma das bordas de acordo com o valor (+) e, em relação à outra borda, conforme o valor (-) de um traço; configura-se, assim, um segmento de contorno. A contar desse processo, as autoras explicam que subseqüentemente há o desligamento da borda esquerda do segmento /dʒ/ (assim como ocorreu com o segmento /tʃ/, representado na Fig.15) e, então, se efetiva a realização apenas do elemento fricativo, ou melhor, da borda com o traço [+contínuo], passando de segmento de contorno para segmento simples (/dʒ/ → /ʒ/).

Figura 23 - Resultado do apagamento da estrutura do segmento plosivo



Fonte: NEUSCHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 32

Dessa forma, portanto, com o desligamento da borda com o traço [-contínuo] dá-se o processo de constituição da fricativa alvéolo-palatal, o que parece fortalecer a ideia de que este tipo de segmento seja simples e não complexo, isto é, que não apresenta uma articulação secundária vocálica.

Deve salientar-se que, ao se considerarem as consoantes /ʃ/ e /ʒ/ como segmentos de estrutura simples, a distinção destas fricativas coronais palatais em relação às duas fricativas coronais não palatais /s/ e /z/ é determinada pelo traço [±anterior]: enquanto as fricativas /s/ e /z/ são portadoras do traço [+anterior], as fricativas palatais /ʃ/ e /ʒ/ são portadoras do traço [-anterior].

### 1.2.2 As soantes palatais

Duas soantes palatais foram introduzidas no inventário fonológico do português, uma lateral e outra nasal – /ʎ/ e /ɲ/ –, provindas de processos de palatalização durante a evolução da língua. O latim imperial perdeu a propriedade fonológica da quantidade e, quando // ou /n/ vinham em posição

precedente a /i/ ou /e/, deram origem à lateral palatal /ʎ/ e à nasal palatal /ɲ/, ou seja, as soantes palatais ou “molhadas” (Gonçalves *et al.*, 2006).

Sobre a evolução das soantes palatais, Neuschrnk e Matzenauer (2012) explicam que o processo de palatalização de /ʎ/ é motivado, primeiramente, pela presença de uma lateral alveolar /l/ acompanhada da vogal alta /i/ ou média anterior /e/ – é o que está representado na Figura 24.

Figura 24 - Motivação do processo de palatalização de /ʎ/

Origem do /ʎ/:
/l/,/ll/ /e/,/i/ > /ʎ/ : fi/li/um > fi/ʎ/o; a/lli/um > a/ʎ/o

Fonte: Adaptação de NEUSCHRANK e MATZENAUER, 2012, p.33.

Ainda segundo Neuschrnk e Matzenauer (2012), o processo de palatalização de /ʎ/ também ocorre quando uma plosiva bilabial, uma velar ou uma alveolar surda vier antes do segmento lateral alveolar, sempre em meio de palavra. Este contexto da evolução da lateral palatal aparece exemplificado na Figura 25.

Figura 25 - Motivação do processo de palatalização de /ʎ/

Origem do /ʎ/:
/k/ > /ʎ/: auri/k/u/ʎ/a > auri/ʎ/a > ore/ʎ/a
/p/ > /ʎ/: scopulu > isco/p/ʎ/u > esco/ʎ/o
/g/ > /ʎ/: tegula > te/g/ʎ/a > te/ʎ/a
/b/ > /ʎ/: tribulo > tri/b/ʎ/o > tri/ʎ/o
/t/ > /ʎ/: vetula > ve/t/ʎ/a > ve/ʎ/ota

Fonte: Elaboração própria.

Nessa mesma perspectiva, Tavares e Miranda (2020) reafirmam que o seguimento /gl/, se precedido de consoante, é reduzido a /ʎ/, como mostra a figura 26:

Figura 26: Motivação do processo de palatalização de /ʎ/

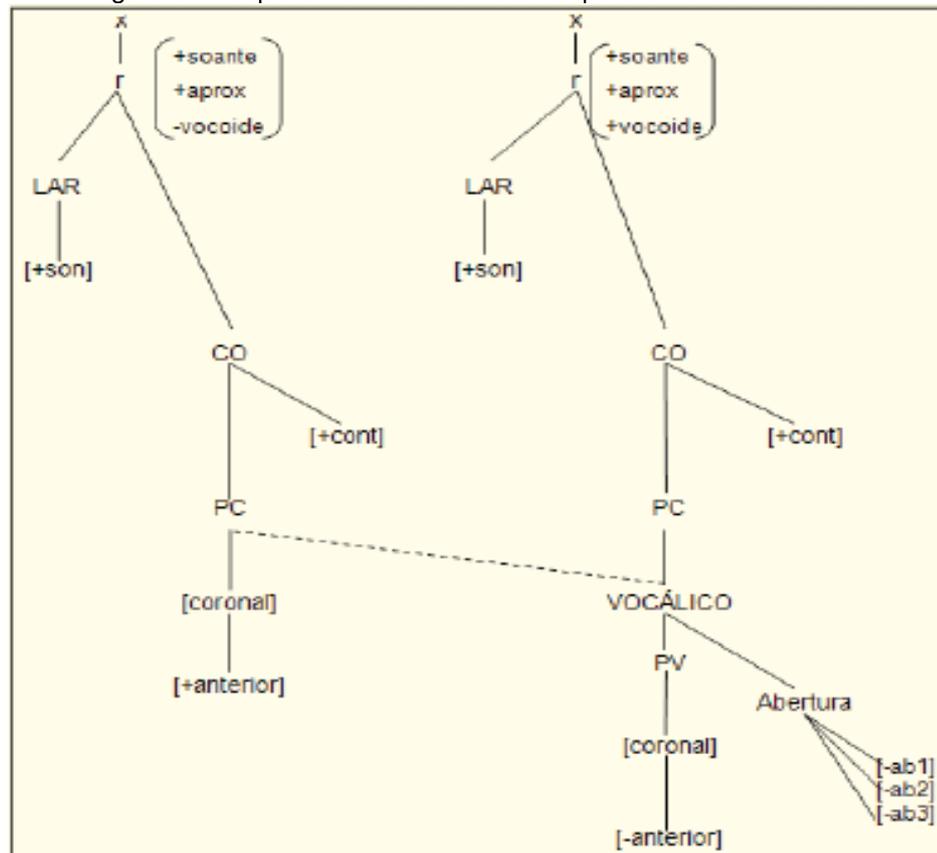
Origem do /ʎ/:
/gl/ > /ʎ/: sen/gl/o > se/ʎ/os; cin/gl/a > sin/ʎ/a

Fonte: Adaptação de TAVARES e MIRANDA, 2020, p.312

Observa-se que o fomento do primeiro contexto para a palatalização é a presença de uma vogal palatal /i/ (ou semivogal [j]), bem como da vogal /e/ acompanhada da consoante geminada. Neste caso, ocorre a simplificação desse segmento e, a posteriori, sucede-se a palatalização.

É imprescindível ressaltar que, na passagem de um segmento simples a um segmento complexo, há a alteração de sua estrutura interna. Em relação à líquida lateral, Neuschrnk e Matzenauer explicam esta passagem: “quando um segmento lateral alveolar // é sucedido de por /i/ ou [j], há o espraio do nó Vocálico do contexto seguinte para o PC da consoante, tornando-a um segmento com duas articulações” (Neuschrnk e Matzenauer, 2012, p. 34), como mostrado na Figura 27.

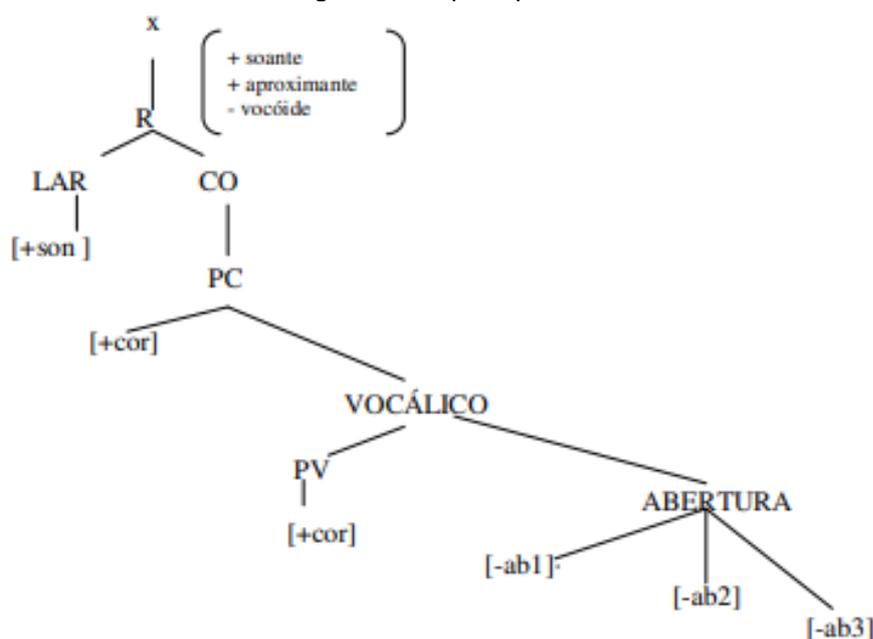
Figura 27 - Espraio do nó Vocálico para o PC da consoante



Fonte: NEUSCHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 34.

Em consequência, têm-se que a líquida lateral // possui uma articulação primária consonantal e uma articulação secundária vocálica. Em outras palavras, “o nó Vocálico se manifesta efetivamente (e não apenas potencialmente) nessa lateral palatal; há os traços caracterizadores da vogal /i/ na estrutura interna da lateral //” (Gonçalves *et al.*, 2006, p. 10); a representação está na Figura 28.

Figura 28: Líquida palatal

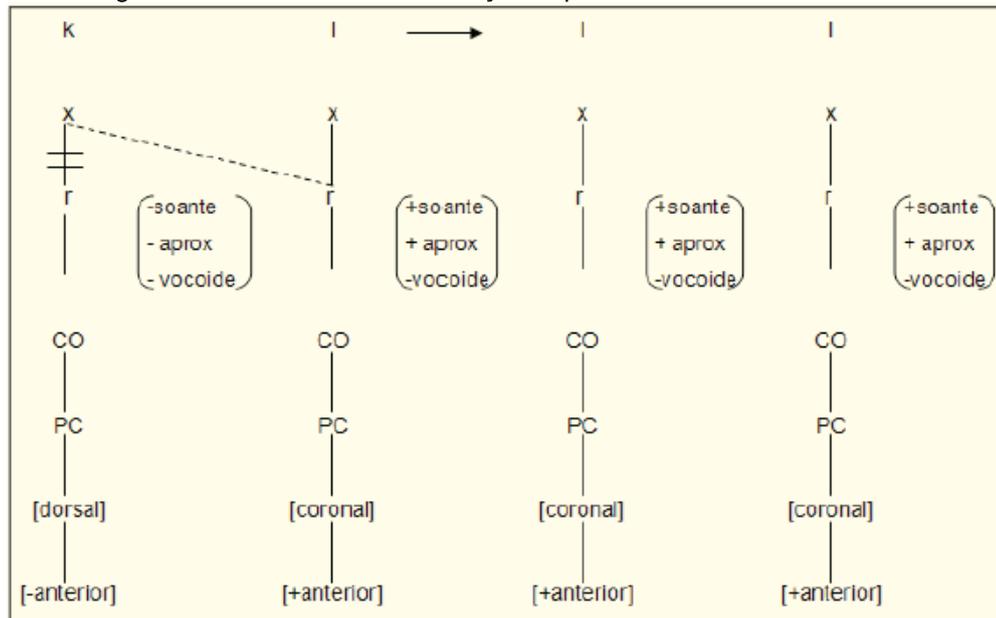


Fonte: Gonçalves *et al.*, 2006, p. 11.

Teyssier (2007) aborda, na evolução da lateral palatal, entre outros casos, a origem a partir do grupo consonantal /kl/, como se observa em palavras como: *o/k/ulum* > *o/k//u* > *o/y//o* > *o//o* (veja-se Figura 25). De acordo com o autor, é a partir do rebaixamento da vogal /u/, que há a emergência do grupo consonantal /kl/, que evolui para a *yod* /y/ até o surgimento da líquida palatal //l/. Processo semelhante ocorre quando a vogal está entre outras plosivas, como /t/, /g/, /p/ e /b/.

De acordo com Teyssier (2007), devido à ausência de documentos linguísticos datados entre 409 e 711, é dificultoso identificar com precisão a evolução da língua, entretanto, Neuschrack e Matzenauer (2012) enfatizam que, provavelmente, a primeira etapa evolutiva tenha sido //l/. As autoras explicam, que, desta forma, o /k/ logo passaria a //l/, por um processo de assimilação, pelo qual a lateral alveolar espraia todo o seu nó de raiz para a plosiva, originando então uma sequência de duas consoantes idênticas //ll/, como mostra a Figura 29.

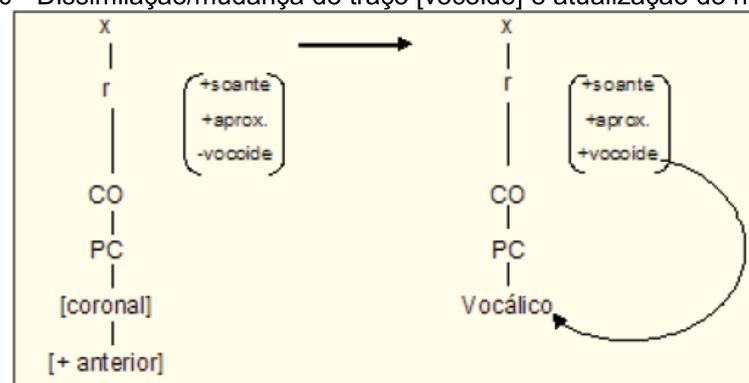
Figura 29 - Processo de assimilação-espraiamento do nó de raiz do //



Fonte: NEUSHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 36.

Sabe-se que a sequência de duas consoantes idênticas //l/ viola o Princípio do Contorno Obrigatório, um princípio fundamental da Fonologia Autossegmental. Para contornar essa situação, há a incidência de um processo de dissimilação, pelo qual, de acordo com Neuschrnk e Matzenauer (2012), o traço de raiz [-vocoide] do primeiro //l/ passa a [+vocoide], sem violar o OCP, implicando a inserção de um nó Vocálico em razão dos traços [+soante] e [+aproximante] localizados na raiz. Com isso, surge a semivogal [j], que mantém o traço [coronal], como mostra a Figura 30.

Figura 30 - Dissimilação/mudança do traço [vocoide] e atualização do nó Vocálico

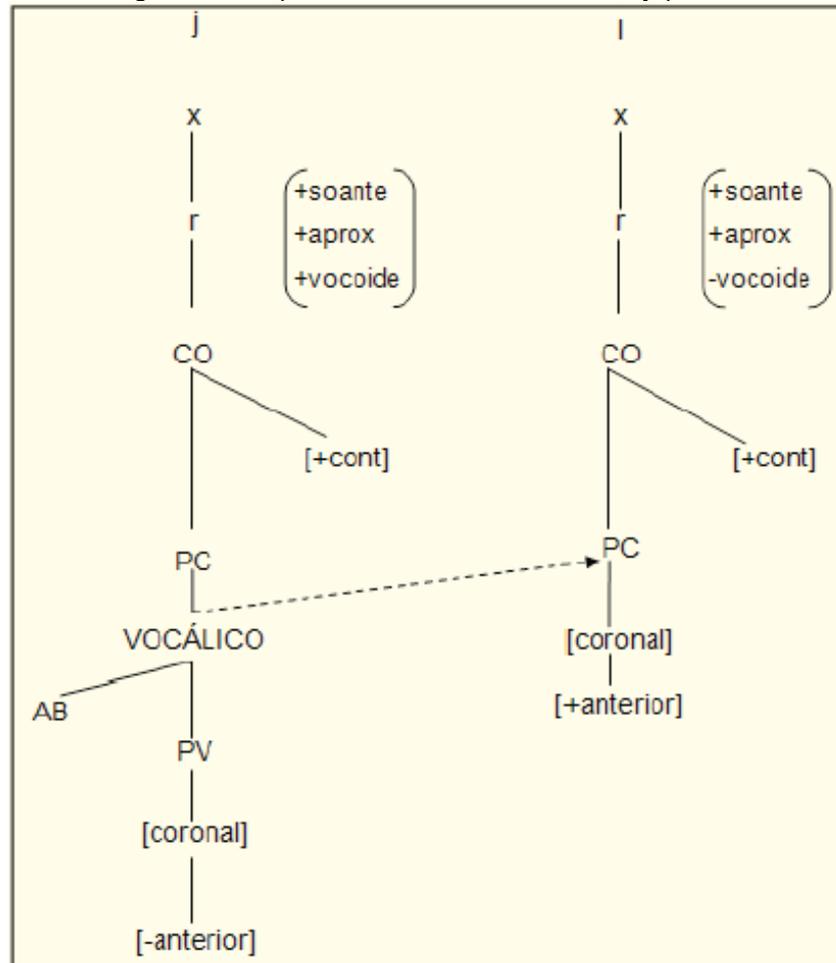


Fonte: NEUSHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 37.

Em outras palavras, tem-se que a primeira parte da geminada //l/ passa a [j], formando uma nova sequência: /jl/; subseqüentemente, a semivogal palatal

[j] espraia seu nó vocálico para a consoante lateral /l/ e constitui um novo segmento: a lateral palatal /ɫ/.

Figura 31 - Espraimento do nó vocálico de /j/ para /l/



Fonte: NEUSCHRANK e MATZENAUER, 2012, p.39.

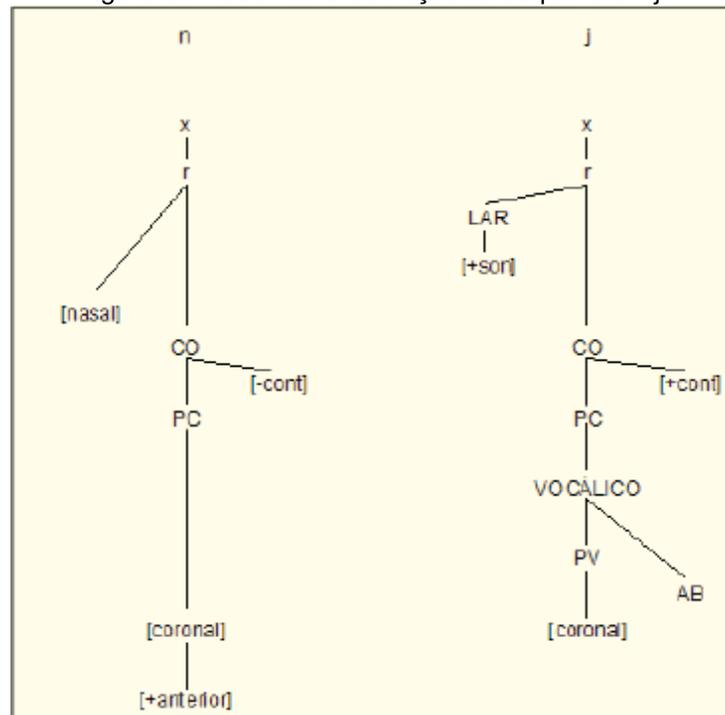
Pela Figura 31, observa-se que o segmento /l/ possui em sua estrutura interna uma dupla articulação: uma consonantal e uma vocálica. A origem deste segmento é atribuída ao desligamento da estrutura do segmento [j] acima do nó Vocálico, o qual passa a ficar vinculado à estrutura da consoante lateral.

Além da soante lateral palatal /ɫ/, tem-se a integração da soante nasal palatal /ɲ/ à fonologia do português, oriunda também de um processo de palatalização. Neuschrnk e Matzenauer (2012) sustentam a ideia de que nos contextos favorecedores para a implementação deste novo segmento é possível observar a presença da nasal coronal alveolar.

Em um primeiro contexto de palatalização, a nasal coronal alveolar vem seguida de um segmento vocálico palatal /ɲ/ e esta sequência dá origem à nasal

palatal /ɲ/. De acordo com Matzenauer (1994), o processo é semelhante ao que ocorre com a lateral alveolar seguida de segmento vocálico palatal, porque o /ɲ/ também é considerado um segmento complexo, pois apresenta em sua estrutura uma articulação primária consonantal e uma articulação secundária vocálica.

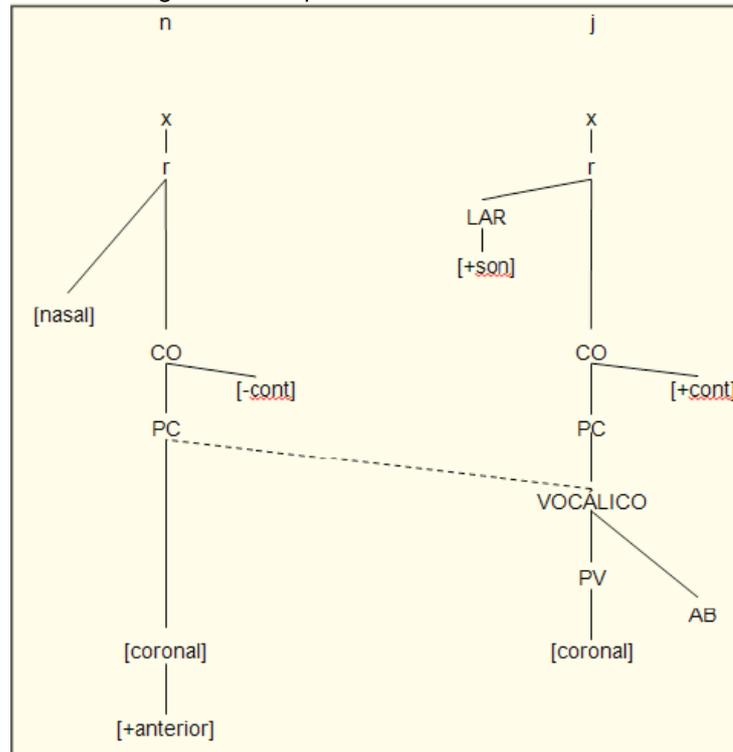
Figura 32 - Geometria de traços da sequência /ɲj/



Fonte: NEUSHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 40.

Neuschrnk e Matzenauer (2012) enfatizam que a consoante palatal nasal se constitui em um segmento complexo, por ter recebido por espraiamento, em sua estrutura, o nó Vocálico do vocoide palatal subsequente, conforme Figura 33.

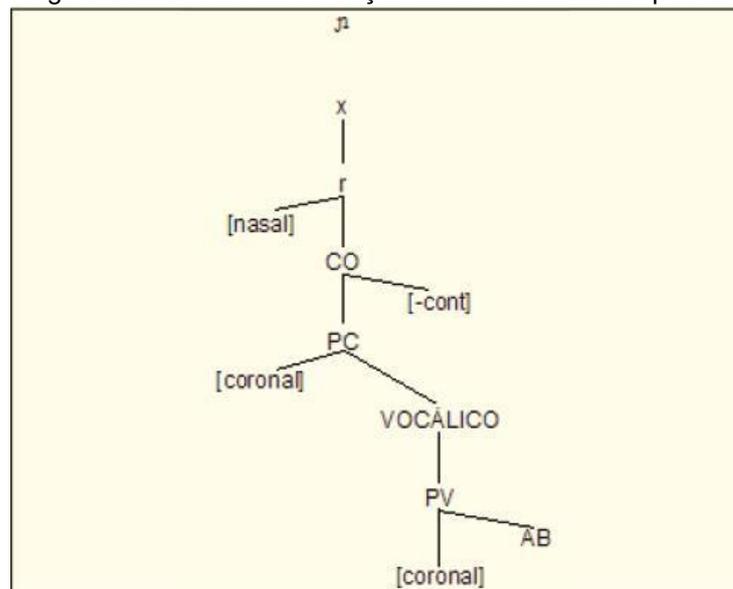
Figura 33 - Espriamento do nó Vocálico



Fonte: NEUSHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 41.

Esse espriamento dá origem a um segmento com dupla articulação: uma consonantal e outra vocálica, de acordo com a Figura 34.

Figura 34 - Geometria de traços da consoante nasal palatal



Fonte: NEUSHRANK e MATZENAUER, 2012, p. 41.

No segundo contexto apresentado por Neuschrack e Matzenauer (2012) como uma das origens da nasal palatal /ɲ/ tem-se a vogal palatal seguida da

nasal coronal alveolar [in], equiparando-se ao que ocorre com a sequência /nj/, havendo apenas uma inversão na posição dos segmentos (CV – VC). Nota-se que, em ambos os casos, a motivação da palatalização é a presença do segmento vocálico palatal.

Já o terceiro contexto favorecedor para a constituição da nasal palatal apresentado por Neuschrnk e Matzenauer (2012) evidencia uma evolução na qual a plosiva velar sonora seguida de nasal coronal alveolar [gn] passa a segmento vocálico como uma parte no processo (veja-se Figura 35).

De acordo com Ilari (1999), durante o período latino, grupos consonantais em que a segunda consoante é uma dental, como a sequência /gn/, tendem a perder a consoante inicial, que se assimila à segunda, se vocaliza ou cai. O autor não detalha os estágios percorridos no processo de evolução da sequência /gn/ até o surgimento do novo segmento palatal em estudo, enquanto Willians (1975[1961]) revela a evolução mostrada na Figura 35.

Figura 35 - Estágios da evolução de /gn/

[gn] > [jn] > [jñ] > [ñ]

Fonte: NEUSCHRANK e MATZENAUER, 2012, p.42.

Observando a Figura 35, tem-se confirmado o entendimento de Ilari (1999) de que uma das possibilidades da evolução de grupos como /gn/, é a vocalização do primeiro segmento, neste caso o /g/.

Cabe, neste momento, ressaltar que a palatalização como resultado do processo evolutivo de /gn/ ocorre quando este se encontra em contexto intervocálico.

Neuschrnk e Matzenauer (2012) lembram que, em coda silábica, o português admite apenas os segmentos /r/, /l/, /S/ e /N/ como coda simples e, caso haja uma ramificação, apenas o /S/ como segundo elemento consonantal, além das semivogais. Logo, uma sequência com a plosiva na posição de coda, como em /gn/, fere os princípios de formação de sílaba permitidas em português. Logo, o caminho encontrado na evolução da língua para licenciar esta sílaba foi a vocalização do segmento plosivo.

Tendo sido observados os fenômenos que, na evolução do latim ao português, tiveram como resultado a inclusão dos segmentos palatais na fonologia da língua, passa-se a considerações sobre a aquisição da linguagem.

Será possível verificar-se o comportamento das consoantes palatais na aquisição da linguagem, falada e escrita, como também se estabelecerem paralelos entre fenômenos da diacronia do português e fenômenos presentes na aquisição da fala e da escrita por crianças brasileiras.

### **1.3 Aquisição da linguagem**

Como exposto na introdução desta pesquisa, um dos objetivos deste trabalho é analisar as estratégias usadas pelas crianças durante o processo de aquisição da linguagem para a produção das consoantes palatais em seu desenvolvimento fonológico. Camara Jr. (2011) lembra a importância da linguagem em nossa vida social. Para ele, o ato de falar para o homem comum é tão natural quanto caminhar; nessa linha pode-se afirmar que o processo de aquisição se dá de forma natural e espontânea, como sustentam estudos sobre o desenvolvimento linguístico das crianças.

. Trata-se aqui tanto da aquisição da fala, como também da aquisição da escrita.

#### **1.3.1 A aquisição da fala**

O sistema linguístico é muito complexo e o processo de aquisição de uma língua envolve tanto os aspectos constitutivos da gramática, quanto aqueles de ordem discursiva. Miranda e Matzenauer (2010) destacam que, durante o período de desenvolvimento fonológico, ao se considerarem os aspectos segmentais, ocorrem processos em que se verifica a não realização de segmentos ou, às vezes, o emprego de um segmento por outro. Tais eventos são naturais e equivalem a fenômenos que constituem e caracterizam a aquisição das gramáticas fonológicas das línguas.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a criança segue uma ordem de aquisição, onde alguns sons são adquiridos primeiro que outros e, nessa tentativa de erro e acerto, a criança usa estratégias ao evitar esforços para a

realização da produção dos segmentos que ainda não compõem o seu inventário fonológico.

Partindo do pressuposto de que há uma ordem para a aquisição das consoantes, Matzenauer e Costa (2017, p.62) elucidam, conforme mostrado na Figura 36, a sequência temporal referente à aquisição dos segmentos ao longo da constituição do inventário consonantal do português.

Figura 36 - Ordem de aquisição das consoantes do português em *onset* de sílaba medial por crianças brasileiras

/p,b,t,d,f,v,m,n>> /k,g,ŋ/ >> /s,z/ >> /l, ʀ/ >> /ʎ/ >> /ʃ,ʒ,r/
---

Fonte: MATZENAUER e COSTA, 2017, p.62

Ao observar-se a Figura 36, vê-se que todas as palatais têm aquisição mais tardia: as fricativas palatais em relação à outras fricativas, a nasal palatal em relação às outras nasais, a lateral palatal em relação à outra lateral, sendo a nasal /ɲ/ mais precoce e a líquida palatal /ʎ/, uma das últimas a ser adquirida. Esta aquisição mais tardia ocorre, segundo as autoras, em virtude de as soantes palatais apresentarem estrutura de consoante complexa.

Em cada etapa de aquisição fonológica, a criança apresenta um sistema, uma gramática condizente com aquelas observadas nas línguas naturais, ainda que um pouco distante da língua-alvo. Daí surge a importância de se utilizarem teorias fonológicas para expressar e explicar o que ocorre no processo de aquisição.

Miranda e Matzenauer (2010) reiteram a fala de Karmiloff-Smith (1992, p.52), que julga apropriada a tese inatista para esclarecer os períodos iniciais de aquisição da linguagem, visto que o que é inatamente especificado faz com que as crianças foquem as entradas linguísticas e, portanto, alcancem sucesso precoce na tarefa de adquirir a gramática da sua língua.

O estudo sobre o processo de aquisição da linguagem é de suma importância neste trabalho, tendo como ponto central o funcionamento do nível fonológico da língua, que compreende o desenvolvimento de segmentos e de sílabas.

No decorrer do seu processo de aquisição da linguagem, a criança vai compreendendo gradualmente o sistema linguístico e desenvolvendo um conhecimento internalizado sobre as regras que regem o funcionamento da

língua. Com isso, segue uma ordem de evolução, em que alguns segmentos são adquiridos primeiro que outros e, enquanto isso, a criança utiliza estratégias na tentativa da produção dos segmentos que ainda não fazem parte do seu inventário fonológico.

Com menção a padrões na aquisição, Miranda e Matzenauer (2010) seguem a noção de marcação de Jakobson ([1941]1968). Para o autor, o que é mais simples, menos marcado, é adquirido em período anterior ao que é mais complexo, mais marcado; segue-se a esta ideia a constatação de que aquilo que é mais frequente nas línguas é considerado menos marcado.

A fonologia de cada língua é composta por um inventário de segmentos, ou seja, fonemas, unidades funcionais capazes de mudar significado, tal como um inventário de estruturas silábicas. Os segmentos são unidades que promovem a contrastividade, como em /b/ala e /p/ala, e as sílabas são as unidades mais básicas da estrutura prosódica que, em sua organização interna, abrigam as unidades segmentais seguindo as regras e/ou restrições da língua, como, por exemplo, os encontros consonantais do português, em que são licenciadas sequências, por exemplo, como 'pr' e 'bl', mas não 'sm' e 'sp'.

### **1.3.2 A aquisição da escrita**

Esta subseção irá abordar o que se observa no processo de aquisição da escrita das palatais, que têm aquisição mais tardia na fala e apresentam alguma complexidade na escrita visto que exigem o uso de dígrafos com H (cf. MIRANDA, PACHALSKI e RICHETTI, 2023). Com esse objetivo, é necessário que se compreenda como ocorre este processo e quais são as possíveis estratégias observadas na aquisição.

Como exposto na introdução desta pesquisa, um dos objetivos deste trabalho é analisar as estratégias utilizadas pelas crianças durante a aquisição fonológica para a produção das consoantes palatais ao longo do desenvolvimento linguístico. Camara Jr. (2011) lembra a importância da linguagem em nossa vida social. Para ele, o ato de falar para o homem comum é tão natural quanto caminhar, nessa linha pode-se afirmar que o processo de

aquisição se dá de forma natural e espontânea, como sustentam estudos sobre o desenvolvimento linguístico das crianças.

Entretanto, se a fala é adquirida naturalmente, o mesmo não se verifica em relação à escrita, um constructo cultural que exige ensino sistemático, ainda que “a capacidade notacional” seja apontada por Karmiloff-Smith (1992) como sendo exclusiva da espécie humana.

Os sistemas de escrita permitem a contínua reprodução da linguagem em material durável e são considerados sistemas de notação capazes de expressar distintas dimensões dos sistemas linguísticos, não podendo ser reduzidos a um código. No caso do sistema alfabético, tem-se uma exata reprodução dos mecanismos geradores da língua, a partir de sua segunda articulação, uma vez que se constitui a partir de uma série finita de caracteres que correspondem às unidades básicas da fonologia, os fonemas, as quais se combinam em unidades silábicas que combinadas constituem as palavras da língua.

Na escrita alfabética os agrupamentos fonográficos operam a partir de unidades de segunda articulação, não-significativas mas distintivas, ou seja, as unidades constitutivas dos sistemas fonológicos das línguas: traços, fonemas e sílabas. Dessa forma, o aluno alfabetizado domina a relação existente entre letra e som e passa a reconhecer implicitamente as regularidades inerentes ao sistema, restando-lhe a tarefa de aprender as convenções definidas pela ortografia as quais têm origem na etimologia.

É possível observar que, em meio ao processo de aquisição da escrita, a criança estabelece conexões entre o conhecimento fonológico e o alfabético, a partir da compreensão dos princípios alfabéticos. Sobre o processo de aquisição da escrita, Ferreiro e Teberosky (1985), com base na perspectiva construtivista de Piaget e na teoria gerativista de Chomsky, constataram que, quando chega à escola, a criança possui um importante conhecimento de sua língua. Antes mesmo de efetivamente entrar em contato com a escrita no ambiente escolar, o aprendiz já construiu hipóteses acerca do sistema notacional de que irá se apropriar, pois se trata de um sujeito ativo que está, em alguma medida, imerso em práticas de leitura e escrita dada a característica grafocêntrica do meio social.

Consequentemente, a criança avança no processo de aquisição da escrita, de tal forma que ela primeiramente formula hipóteses sobre o sistema sem estabelecer um vínculo entre os níveis fônicos e gráficos. Somente quando

passa a relacionar o que fala com o que escreve, compreende os princípios do sistema alfabético de escrita e abre-se assim um espaço para o reprocessamento do conhecimento fonológico já construído.

Miranda (2014) afirma que a aquisição da escrita é a oportunidade para que a criança revise a estrutura formal da língua e atualize o seu conhecimento linguístico já adquirido de maneira natural e espontânea em seus primeiros anos de vida. A Figura 37, proposta por Miranda (2014), esquematiza a complexidade das relações entre o conhecimento fonológico e a aquisição da escrita.

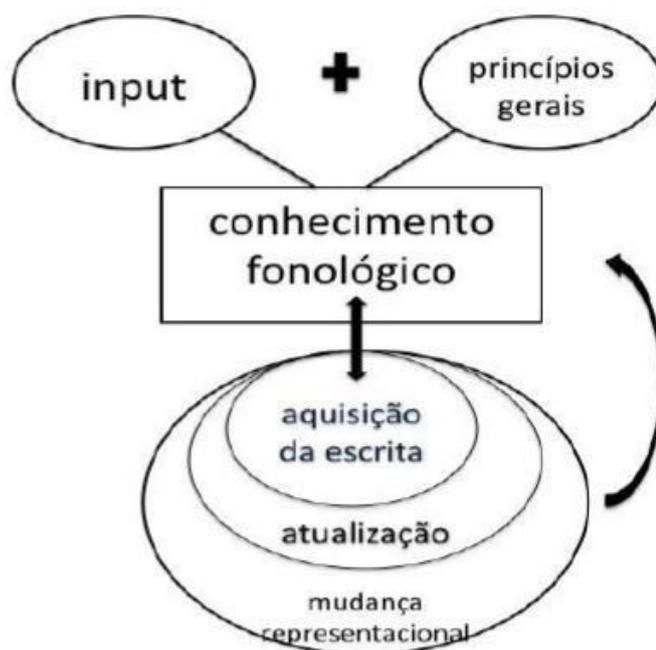


Figura 37: Relações entre o conhecimento fonológico e a aquisição da escrita

Fonte: MIRANDA, 2014, p. 53.

De acordo com o diagrama apresentado na Figura 37, o sujeito acessa princípios gerais integrantes da Gramática Universal (CHOMSKY, 1988), os quais influenciam o input recebido em seu ambiente linguístico, constrói e organiza progressivamente seu conhecimento fonológico implícito que inclui as informações melódicas e prosódicas. É justamente este conhecimento fonológico que será revisitado quando o aprendiz compreender o mecanismo gerador da escrita alfabética, qual seja, a relação entre fonemas e grafemas. Tal aprendizado propicia uma retomada de conhecimentos já construídos, que poderão, por meio do acesso metacognitivo, sofrer processos de reestruturação, característicos da mudança representacional.

Miranda (2014) observa, sustentada por estudos diacrônicos, que as soantes palatais, que compõem o inventário do português hoje, passaram por várias modificações tendo em sua base as alveolares /l/ e /n/ associadas a outros segmentos consonantais ou vocálicos. A autora faz referência ao processo de desenvolvimento fonológico dessas consoantes e busca em dados de escrita inicial elementos para discutir a complexidade segmental e, em especial, as relações entre a escrita das crianças que estão em plena retomada de seu conhecimento fonológico e os processos de aquisição e variação relativo a essa classe de segmentos. Assim, tendo em vista que a aquisição da linguagem escrita é parte integrante do desenvolvimento linguístico, as pesquisas do GEALE, à luz da proposta expressa na Figura 37, têm as palatais como tema que recebe atenção especial nos estudos do grupo, como se observa, por exemplo, em Miranda (2012, 2014); Teixeira e Miranda (2008, 2010); Tavares (2019) e Silva (2022).

Em Tavares (2019), cujo foco incidiu na diacronia e na escrita inicial de soantes palatais, encontram-se resultados referentes à escrita de crianças brasileiras, conforme reproduzidos na Tabela 1:

<b>Período</b>	<b>Número de turmas</b>	<b>Textos analisados</b>	<b>Grafias da Líquida palatal</b>	<b>Grafias da Nasal palatal</b>
<b>1ª série</b>	07	94	02	105
<b>2ª série</b>	05	120	30	237
<b>3ª série</b>	03	73	35	132
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>287</b>	<b>67</b>	<b>474</b>

Tabela 1: Dados da escrita de crianças brasileiras retirados do terceiro Estrato do BATALE

Fonte: TAVARES, 2019, p. 50.

Em relação a grafia das soantes palatais, os resultados obtidos a partir da extração de dados de 287 textos produzidos nas três primeiras séries do fundamental I foram observadas 474 grafias na nasal palatal e 67 grafias da líquida palatal, tais números mostram a predominância da nasal sobre a lateral palatal, no que diz respeito a suas frequências na amostra estudada. Das 474 grafias da nasal palatal, Tavares (2019) identificou que 96,8% dos dados correspondem a acertos da grafia dessas consoantes, consideradas complexas

do ponto de vista fonológico, e que 3,2% equivalem aos erros. Esse resultado vai ao encontro de outros achados do GEALE, referentemente às grafias das palatais, como mostrado em Tavares e Miranda (2008), Miranda (2020) e Silva (2022). O aspecto relevante a ser comentado é relativo à diferença observada em dados de fala e de escrita. Na fala, a não aquisição de determinada estrutura resulta em índices de erros próximos a 100%, pois se trata de um processo de construção das unidades fonológicas, enquanto na escrita inicial, período em que as crianças já têm o domínio do sistema fonológico, os índices de erros são sempre muito menores que os de acerto, o que empresta a eles caráter indiciário, no sentido de que é a qualidade do erro e não a quantidade que pode promover reflexões pertinentes ao funcionamento do sistema linguístico, em especial, o fonológico.

Os erros referentes a grafia da nasal palatal encontrados nos textos analisados por Tavares (2019) foram classificados pela autora em erros de motivação fonológica ou ortográfica, seguindo a classificação proposta por Teixeira e Miranda (2008):

São exemplos de erros de motivação fonológica:

1. Grafia de *n* no lugar do *nh* → Tavares (2019) observou esta troca em 20% das palavras analisadas, como *varina* para *varinha*. Durante a aquisição da escrita, Teixeira e Miranda (2008, 2010), com base na proposta de segmento complexo sustentada pela Teoria Autossegmental, seguindo análise de Matzenauer (2000) para dados de fala, interpretam a troca como indicativa de um desligamento da constrictão vocálica secundária, restando somente a constrictão primária consonantal. Dados de escrita como estes corroboram a proposta de serem as soantes palatais estruturadas a partir de duas articulações, uma consonantal e outra vocálica.

2. Apagamento da nasal palatal → *varia* para *varinha*. O apagamento da nasal palatal corresponde a 6% do total de erros evidenciados no estudo de Tavares (2019) e só foi verificado na 3ª série. A interpretação para a ocorrência deste erro também verificado na fala pode ser sustentada pela ação do Princípio do Contorno Obrigatório - OCP -, em que elementos adjacentes idênticos são proibidos. Analisando a palavra em questão, desliga-se a articulação consonantal primária da consoante complexa, restando apenas a articulação secundária vocálica, isto é, a vogal /i/. Entretanto, a vogal que antecede o

segmento também é /i/, ocorrendo a violação do Princípio de Contorno Obrigatório, o que levaria ao apagamento de todo o segmento.

Os erros considerados ortográficos estão exemplificados a seguir:

3. Grafia de h→ variha para varinha, representando 33,5% das grafias erradas em dados da 1ª e 2ª série.

4. Grafia de mh→ samtinho para santinho, corresponde a 13,5% do total de erros e foi encontrado apenas nos dados da 1ª série.

5. Grafia de lh→ vergolha para vergonha, refere a 13,5% dos erros cometidos em dados apenas da 3ª série.

6. Grafia de ch no lugar do nh→ pegacinha para pegadinha, equivale a 13,5% dos erros ocorridos em dados somente da 3ª série.

Pode-se observar que os erros interpretados como sendo derivados de aspectos relacionados à ortografia envolvem complexidades inerentes aos grafemas selecionados no sistema ortográfico para representar as palatais, isto é, dígrafos, que nesses casos são compostos pela letra H. A letra H tem, no sistema ortográfico, uma peculiaridade, qual seja, não está relacionada a unidades fônicas da língua (letra muda) e tem como papel principal representar, quando associada a outras letras, grafemas complexos como <nh>, <lh> e <ch>.

Em relação às líquidas, Tavares (2019) observa que 73% correspondem a acertos da grafia dessa consoante complexa e que 27% equivalem a erros na grafia da líquida palatal. Observa-se nesses resultados que as líquidas estão mais suscetíveis a erros na escrita, em se comparando às nasais. Tais achados são observados também nos demais estudos do GEALE já citados e correspondem às diferenças já relatadas relativamente ao desenvolvimento fonológico (LAMPRECHT et alii, 2004).

Os erros de base fonológica reportados por Tavares (2019) são a substituição de *lh* para *li*, por exemplo, em *armadilha* para *armadilia*, equivalente a 11 % dos erros encontrados. Para Teixeira e Miranda (2010) este seria um processo equivalente a uma fissão dos nós primário e secundário que resulta na presença dos dois elementos na camada temporal, uma unidade desdobrada em duas, uma que abriga a líquida e outra a vogal alta coronal.

Foram identificados erros em que apenas a porção vocálica foi registrada, em grafias em que o *lh* passou para *i*, como em *velha* para *veia*. Tavares (2019) ressalta que no processo de aquisição da escrita da criança essa estratégia

corresponde ao que se observa na aquisição fonológica, interpretado como o desligamento do nó ponto de consoante.

Miranda (2014) discute a complexidade das demais palatais, os segmentos fricativos: a surda /ʃ/ e a sonora /ʒ/ e sua repercussão na escrita inicial. Miranda e Adamoli (2018), por seu turno, abordam as palatais no âmbito dos ditongos fonéticos que, conforme Bisol (1994), surgem a partir do espraçamento do nó vocálico das fricativas palatais, em palavras como *peixe* e *queijo*, nas quais ditongo e monotongo se alternam livremente.

Os autores, a partir de dados de escrita inicial referentes às grafias dos ditongos, analisam o efeito da variável contexto seguinte, no caso específico das fricativas /ʃ/ e /ʒ/ e da rótica, para a omissão de ditongos. Os resultados apontaram para uma problematização relativa à complexidade das fricativas palatais e à proposta de complexidade interna para a rótica. Para as fricativas palatais a análise aponta uma indefinição em relação ao valor do traço [anterior], pois as crianças mostram alternâncias em sua produção entre as fricativas palatais e as alveolares.

De modo geral, os erros na grafia das soantes palatais parecem convergir para a ideia de que são segmentos complexos, conforme proposto por Matzenauer (2000); já em relação às fricativas palatais, não foram encontradas evidências em dados de escrita capazes de sustentar a ideia de que são unidades compostas por dois nós: o nó Ponto de C (que representa a articulação consonantal do segmento) e o nó Vocálico (que representa a articulação vocálica do segmento). Os dados de diacronia apontam que as fricativas palatais sejam segmentos simples. No capítulo a seguir, serão explicitados os procedimentos metodológicos do estudo.

## 2 Procedimentos metodológicos

Este capítulo apresenta os aspectos relativos aos procedimentos metodológicos empregados nesta pesquisa. Trata-se de um estudo de caráter transversal e faz-se referência aos métodos usados para coleta, seleção e análise de dados, a fim de alcançar os objetivos deste estudo, quais sejam:

- i. descrever e analisar dados de fala inicial com foco nas consoantes palatais do português brasileiro PB;
- ii. descrever e analisar as estratégias observadas na aquisição da linguagem de palatais do português por crianças brasileiras;
- iii. discutir os dados de aquisição à luz de resultados de estudos sobre as palatais na diacronia e na aquisição da escrita.

### 2.1 Amostra dos dados

Para este estudo, que trata da produção das soantes palatais /ɲ, ʎ/, da fricativa surda /ʃ/ e da fricativa sonora /ʒ/ do português, foram analisados dados relativos à aquisição da linguagem de crianças de 1:2 até 3:11;29, falantes nativas do PB. O corpus é constituído por palavras que contêm os segmentos analisados em suas formas alvo, produzidas por crianças brasileiras, que moravam em Pelotas e Porto Alegre, à época das coletas, e que estavam adquirindo o português do Brasil como língua materna.

A idade mínima de 1:2 foi estabelecida com base em estudos desenvolvidos sobre a aquisição da linguagem da criança que mostram serem as primeiras palavras produzidas neste período (Lamprecht *et al*, 2004). No que diz respeito à palatal nasal, /ɲ/, estudos mostram que ela é produzida a partir dos 1:7 (FREITAS, 2004). Conforme Oliveira (2004), o /ʃ/ encontra-se adquirido aos 2:10 e o /ʒ/ aos 2:6 e a líquida palatal /ʎ/ em torno dos 3:6 (RIBAS e MEZZOMO, 2004).

Quanto à idade máxima, diz a literatura da área que por volta dos 2:0 anos a criança já adquiriu o /ɲ/; e por volta dos 4:0 anos é que o processo de aquisição do /ʎ/ se estabiliza (Matzenauer-Hernandorena, 2000).

O total de informantes foi dividido em 22 faixas etárias, cada uma delas com 10 informantes. O período abarcado por cada faixa etária é de 1 mês (ou 29 dias) até a idade de 1:11,29 (anos: meses, dias) e de 2 meses entre as idades de 2:0 – 2:1;29 e 3:10 – 3:11;29, como pode ser conferido no quadro abaixo.

Quadro 1: Faixas etárias em que foram divididos os sujeitos da pesquisa

nº da faixa etária	idade englobada	nº da faixa etária	idade englobada
1	1:2 - 1:2;29	12	2:2 – 2:3;29
2	1:3 - 1:3;29	13	2:4 – 2:5;29
3	1:4 - 1:4;29	14	2:6 – 2:7;29
4	1:5 - 1:5;29	15	2:8 – 2:9;29
5	1:6 - 1:6;29	16	2:10 – 2:11;29
6	1:7 - 1:7;29	17	3:0 – 3:1;29
7	1:8 - 1:8;29	18	3:2 – 3:3;29
8	1:9 - 1:9;29	19	3:4 – 3:5;29
9	1:10 - 1:10;29	20	3:6 – 3:7;29
10	1:11 - 1:11;29	21	3:8 – 3:9;29
11	2:0 – 2:1;29	22	3:10 – 3:11;29

Fonte: Elaboração própria.

## 2.2 Os sujeitos, os dados e os instrumentos de coleta

Os dados utilizados nesta dissertação resultam de um banco de dados que reúne amostras da fala de crianças com desenvolvimento típico: o AQUIFONO<sup>2</sup>, banco criado por Carmen Matzenauer e Regina Lamprecht, respectivamente, dos cursos de Pós-Graduação em Letras da UCPel e da PUCRS.

Em 1998, iniciaram-se gravações de crianças entre 1:0 e 2:0 constituindo o Banco de Dados INIFONO (Banco de Dados de Aquisição Fonológica Inicial), ampliando em termos de faixa etária o AQUIFONO<sup>3</sup>. Foram entrevistadas

<sup>2</sup> O Banco de Dados AQUIFONO encontra-se atualmente na UFPEL. O Banco AQUIFONO contém o INIFONO, que é um conjunto de dados obtidos com crianças com idade entre 1:0 e 1:11 (anos: meses).

<sup>3</sup> AQUIFONO é um banco de dados de fala de 310 crianças brasileiras, que nasceram e mantiveram residência em Pelotas e Porto Alegre, que, à época das coletas, estavam com idade entre 2:0 e 7:1, e que estavam adquirindo o português do Brasil como língua materna, pertencentes a um grupo sociolinguisticamente homogeneizado. Para direcionar a coleta, os dados foram obtidos através da aplicação do instrumento proposto na *Avaliação Fonológica da Criança* (Yavas, Hernandorena e Lamprecht, 1991) composto por 125 palavras eliciadas por meio de 5 desenhos temáticos que visam obter, por nomeação espontânea, palavras com todos os segmentos consonantais do português, em todas as posições que lhe são licenciadas pela língua na estrutura da sílaba e da palavra.

100 crianças, sendo que 96 delas constituem um corpo de dados transversais e as outras 4 crianças foram entrevistadas com intervalo de 1 mês constituindo um corpo de dados longitudinais.

Por se tratar de informantes tão pequeninos, a coleta das falas das crianças foi motivada com “Sacos de brinquedos” que continham objetos cujas denominações pertencem ao vocabulário infantil.

Ao desenvolver o instrumento de avaliação, os pesquisadores tiveram a máxima atenção para que as figuras utilizadas eliciassem palavras que já fizessem parte do inventário das crianças e para que os itens lexicais produzidos contivessem as consoantes em todas as posições na estrutura da sílaba e da palavra. Os dados foram obtidos em entrevistas realizadas individualmente, gravadas em fita cassete e, posteriormente, digitalizadas. Os dados foram transcritos foneticamente.

Esses dados produzidos pelas crianças, referentes às palatais, para o presente estudo foram organizados em planilhas. Por esta razão, as variáveis deste estudo podem ser descritas da seguinte forma: i. produção alvo e não produção, ii. tipo de palatal, iii. idade da criança, iv. posição inicial ou medial das fricativas na palavra, v. tonicidade da sílaba da consoante palatal (variável acento).

No capítulo 3 serão descritos os resultados desta pesquisa. Ainda que a análise e codificação das produções realizadas pelas crianças tenham sido feitas respeitando os intervalos de faixas etárias citados no Quadro 1, os resultados foram combinados em grupos de idade.

### 3 Descrição e análise dos resultados

Este capítulo divide-se em duas grandes seções nas quais são apresentados os resultados obtidos na análise das produções das soantes palatais ( $\lambda$ ,  $\eta$ ) e das fricativas palatais ( $\zeta$ ,  $\jmath$ ). Na subseção 3.1, serão abordadas as soantes palatais. Primeiramente, em 3.1.1, serão apresentados os resultados obtidos referentes à produção e não produção da nasal palatal / $\eta$ /; em 3.1.1.1 e em 3.1.1.2, o que foi produzido no lugar da nasal palatal e quais os impactos da tonicidade, respectivamente. Já em 3.1.2 serão apresentados resultados da computação dos dados referentes à líquida palatal / $\lambda$ /; nas seções 3.1.2.1 e 3.1.2.2, com o que foi produzido no lugar da lateral palatal e com os resultados referentes à tonicidade. Na seção 3.2, os dados das fricativas seguem a mesma estrutura de apresentação e também aparecem subdivididos entre a [+sonora] e a [-sonora], em 3.2.1 e 3.2.2. Os resultados referentes ao que foi produzido no contexto das fricativas palatais serão apresentados em 3.2.1.1 e 3.2.1.2 para a [-sonora] e 3.2.2.1 e 3.2.2.2 para as [+sonora].

#### 3.1 Soantes palatais

##### 3.1.1 Nasal palatal: produção ou não produção

A tabela apresentada a seguir mostra resultados relativos à produção ou não de / $\eta$ / de acordo com o alvo, por faixas de idade:

Tabela 2 - Produção *versus* não produção de / $\eta$ / por faixas de idade

Faixa etária	Produção		Não produção		Faixa etária	Produção		Não produção	
F1	1/4	25%	3/4	75%	F12	149/155	96,1%	6/155	3,9%
F2	0	0	3/3	100%	F13	132/139	95%	7/139	5%
F3	1/3	33,3%	2/3	66,7%	F14	176/179	98,3%	3/179	1,7%
F4	3/3	100%	0	0	F15	159/163	97,6%	4/163	2,4%
F5	4/8	50%	4/8	50%	F16	120/125	96%	5/125	4%
F6	30/34	88,2%	4/34	11,8%	F17	123/123	100%	0	0
F7	33/35	94,3%	2/35	5,7%	F18	201/204	98,5%	3/204	1,5%
F8	22/23	95,7%	1/23	4,3%	F19	136/136	100%	0	0
F9	50/55	90,9%	5/55	9,1%	F20	118/118	100%	0	0
F10	102/104	98,1%	2/104	1,9%	F21	102/104	98,1%	2/104	1,9%
F11	162/166	97,6%	4/166	2,4%	F22	89/89	100%	0	0

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 2, em que seguem os números absolutos e seus números percentuais correspondentes, é possível observarmos a baixa produção de palavras-alvo com a nasal palatal, de 1:2 até 1:6;29. Em F1, o número de dados é 4; em F2, F3 e F4 o total é de 3 em cada faixa etária; e F5 totaliza 8 dados. A produção da nasal palatal de acordo como o alvo, em F1, foi de apenas 25%; em F2, nula; em F3, F4 e F5 tem-se 33,3%, 100% e de 50%, respectivamente.

A Tabela 2 corrobora os achados de Freitas (2004) para quem a nasal /ɲ/ tem aquisição mais precoce dentre as palatais. A autora afirma ainda que, dos segmentos nasais, /ɲ/ é o último a ser adquirido: enquanto /m/ e /n/ são adquiridos entre 1:6 e 1:8, a nasal palatal é adquirida a partir de 1:9.

Essa tendência mais tardia na aquisição de consoantes palatais, comparando-se com os outros fonemas das classes a que pertencem, deve-se ao fato de as crianças interpretarem tais segmentos como consoantes complexas, que, de acordo com Matzenauer-Hernandorena (1994), por apresentarem em sua geometria de traços tanto o nó ponto de consoante quanto o nó ponto de vogal.

É possível notar que, com o avanço da idade cronológica, a produção de dados em cada faixa etária vai aumentando gradativamente. Na F6 é possível considerar que o segmento fonológico está adquirido, uma vez que Matzenauer-Hernandorena (1990) considera adquirida aquela categoria que superou a porcentagem de 75% de produções. Em F6 e F7 o número de dados aumentou para 34 e 35 produções, respectivamente, atingindo uma frequência de 82,2% e 94,3% de produção de /ɲ/ de acordo com o alvo.

Igualmente, nas faixas etárias seguintes, verifica-se um percentual de produção da nasal palatal de acordo com o alvo acima de 90%. Em F8 podem ser observados 23 dados coletados para /ɲ/, que correspondem a 95,7% da produção alvo. Entretanto, este número de dados reduz para 23 em F8, mas seu percentual de produção de acordo com o alvo continua elevado, com 95,7%.

Logo, o número de dados varia de acordo com a faixa etária em decorrência do tipo de material analisado, qual seja, dados naturalísticos produzidos sem estimulação para contextos específicos. Em F9 e F10, o número de dados é de 55 e 104. Entretanto os percentuais de produção de acordo com o alvo irão se manter em patamar semelhante, 90,9% e 98,1%, para cada faixa em particular.

A contagem de dados em F11 e F12 soma 166 e 155; em F13 e F14, o total de dados é 139 e 179; em F15 e F16, tem-se 163 e 125 dados, respectivamente. Como esboçado anteriormente, as frequências de produção de acordo com o alvo tendem a não ter muita variação.

Em F11, a produção do segmento de acordo com o alvo já é de 97,6% e de 96,1% para F12. Esse percentual atinge 95% em F13, aumentando para 98,3% em F14 e atingindo 97,6% e 96% em F15 e F16, respectivamente.

Ao analisar F17, com um total de 123 dados, tem-se 100% da ocorrência de produção alvo. Em F18, o total de dados sobe para 204, mas a frequência de produção de acordo com o alvo diminui para 98,5%, mostrando uma pequena oscilação para baixo, mas ainda demonstrando índice bastante elevado.

Em F19, o total de dados é de 136 e em F20 é de 118, estando ambas faixas etárias com 100% de produção alvo. E em F21 o número de dados variou de 104 para 89 em F22, porém as frequências de produção de acordo com o alvo ficaram entre 98,1% e 100%.

Com base nesses dados, pode-se notar a oscilação de frequências de uma faixa etária para outra, confirmando que o desenvolvimento da fonologia não é linear (Lamprecht, 1990; Matzenauer-Hernandorena, 1990).

### **3.1.1.1 Nasal palatal: a ocupação do espaço de /ɲ/**

No gradual processo de aquisição fonológica, até o emprego da nasal palatal em consonância com o alvo da língua, as crianças ocuparam o seu espaço com outro segmento ou apresentaram um zero fonético [∅]. Na Tabela 3 são registradas as ocorrências referentes à ocupação do espaço da nasal palatal /ɲ/ de forma diferente do alvo, ou seja, a ocorrência de [∅], [n], [z], [w], [ʌ], [j] no espaço da nasal palatal, sendo que o zero fonético e a forma [n] mostraram maior incidência no espaço de /ɲ/.

Tabela 3: Distribuição geral da ocupação do espaço da nasal palatal /ɲ/, por faixas etárias

Faixa etária	∅	n	z	w	λ	ʃ
F5	1/4 25%	1/4 25%	1/4 25%	1/4 25%	- -	- -
F6	3/4 75%	1/4 25%	- -	- -	- -	- -
F9	3/5 60%	- -	- -	2/5 40%	- -	- -
F11	3/4 75%	1/4 25%	- -	- -	- -	- -
F12	4/6 66,7%	2/6 33,3%	- -	- -	- -	- -
F13	1/7 14,3%	3/7 42,8%	- -	1/7 14,3%	1/7 14,3%	1/7 14,3%
F14	1/3 33,3%	2/3 66,7%	- -	- -	- -	- -
F15	2/4 50%	2/4 50%	- -	- -	- -	- -
F16	3/5 60%	2/5 40%	- -	- -	- -	- -
Total	21/42 50%	14/42 33,3%	1/42 2,4%	4/42 9,5%	1/42 2,4%	1/42 2,4%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados da Tabela 3 corroboram as palavras de Matzenauer-Hernandorena (1990) ao dizer que as nasais constituem a classe de consoantes mais estável, com poucas ocorrências de omissão, em que os segmentos fonológicos estão adquiridos aos 2 anos. No total de substituições, nestas faixas etárias, têm-se que, dentre os casos de ocupação do espaço da nasal palatal /ɲ/ por forma diferente do alvo, em 14 dados, o segmento alvo foi substituído pela nasal alveolar [n]; uma única vez foi empregada a produção da fricativa [z]; em quatro vezes houve a semivocalização de [ɲ] para [w]; houve um único caso da substituição pela líquida palatal [λ] e um caso pela fricativa surda [ʃ]. Exemplos de tais produções são registrados na Tabela 4.

Tabela 4 - Exemplos da ocupação do espaço da nasal palatal /ɲ/, por faixas etárias

Faixa etária	n	z	w	ʎ	ʝ
F5	[a'nana]~ /arɲa/	[ba'kizu]~ /barkɲo/	[ka'tʃiw]~ /gatɲo/	- -	- -
F6	['ban]~ /baɲo/	- -	- -	- -	- -
F9	- - -	- - -	[pa'tʃiw]~ /patɲo/ [ra'tʃiw]~ /ratɲo/	- - -	- - -
F11	[bɐ'nɛlu]~ /baɲeɪro/	- -	- -	- -	- -
F12	[di'neru]~ /diɲeɪro/ ['mina]~ /miɲa/	- - - -	- - - -	- - - -	- - - -
F13	[mane'liɲa]~ /baɲeɪɲa/ [ba'neru]~ /baɲeɪro/ [ba'nelu]~ /baɲeɪro/	- - - - -	[u'siw]~ /ursɲo/ - - -	[ba'ʎelu] ~/baɲeɪro/ - - -	[ki'liʝ]~ /eskiliɲo/ - - -
F14	[ite'lin]~ /estɛɲliɲa/ [kamo'neti]~ /kamɲone/	- - - -	- - - -	- - - -	- - - -
F15	[gɔ'liɲa]~ /galɲa/ [pɛ'din]~ /pɛdriɲa/	- - - -	- - - -	- - - -	- - - -
F16	/bi'ʃin]~ /biʃɲo/ [pe'ʃin]~ /peɲɲo/	- - - -	- - - -	- - - -	- - - -

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 4 é a confirmação de que, no processo de aquisição de /ɲ/, as omissões são mais frequentes nas primeiras faixas etárias, entretanto há poucas ocorrências de substituições.

### 3.1.1.2 Nasal: efeito da tonicidade na produção de /ɲ/

A Tabela 5, apresentada a seguir, contém os resultados relativos à distribuição da produção do segmento alvo, neste caso a nasal palatal /ɲ/, em relação à tonicidade da sílaba, sem alteração ou apagamento do mesmo.

Matzenauer e Costa (2017) afirmam que /ɲ/ não ocorre em início de palavra, ou seja, a nasal palatal não é licenciada pela língua portuguesa em posição de onset absoluto.

Tabela 5 - A produção de /ɲ/ em relação à tonicidade da sílaba

Faixa etária	Pretônica		Tônica		Postônica	
F1	-	-	-	-	1/1	100%
F2	-	-	-	-	-	-
F3	-	-	-	-	1/1	100%
F4	-	-	1/3	33,3%	2/3	66,7%
F5	-	-	-	-	4/4	100%
F6	-	-	-	-	30/30	100%
F7	-	-	1/33	3%	32/33	97%
F8	-	-	2/22	9,1%	20/22	90,9%
F9	-	-	2/50	4%	48/50	48%
F10	-	-	4/102	3,9%	98/102	96,1%
F11	-	-	10/162	6,2%	152/162	93,8%
F12	-	-	7/149	4,8%	142/149	95,2%
F13	-	-	11/132	8,3%	121/132	91,7%
F14	-	-	12/176	6,8%	164/176	93,2%
F15	2/159	1,3%	15/159	9,4%	142/159	89,3%
F16	-	-	14/120	11,7%	106/120	88,3%
F17	2/123	1,6%	20/123	16,3%	101/123	82,1%
F18	-	-	23/201	11,4%	178/201	88,6%
F19	-	-	19/136	14%	117/136	86%
F20	1/118	0,8%	19/118	16,1%	98/118	83,1%
F21	-	-	15/102	14,7%	87/102	85,3%
F22	1/89	1,1%	15/89	16,9%	73/89	82%

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 5 mostra, através das percentagens, que a postônica é a posição mais favorável à produção da nasal palatal de acordo com o alvo, seguida pela tônica, embora os percentuais se apresentem baixos. Têm-se exemplos da produção de /ɲ/ em posição postônica em ['mɨɲa], [pɔ'pɨɲa], [ga'tʃɨɲu] e, em posição tônica, em [mi'ɲau] ou [ku'ɲɛsi]. E a sílaba pretônica exibe o índice mais baixo, mostrando-se a posição menos propensa à produção de /ɲ/, mas pode ser encontrada em “lenhador” ou “minhocão”.

Conforme a amostra da distribuição dos resultados de contextos com /ɲ/, há um predomínio na produção do segmento em sílaba postônica. Observa-se que só ocorre o surgimento da pretônica em F15, ou seja, poucas são as palavras com esta distribuição. Na amostra analisada, os contextos disponíveis para análise apontam para uma preferência de soante palatal nasal na postônica.

### 3.1.2 Líquida palatal: produção ou não produção

A tabela a seguir mostra os resultados relativos à produção ou não da líquida palatal de acordo com o alvo.

Tabela 6 - Resultados relativos à produção ou não de //

Faixa etária	Produção		Não produção		Faixa etária	Produção		Não produção	
F1	0	0	4/4	100%	F12	41/81	50,6%	40/81	49,4%
F2	0	0	3/3	100%	F13	64/86	74,4%	22/86	25,6%
F3	0	0	1/1	100%	F14	50/70	71,4%	20/70	28,6%
F4	0	0	0	0	F15	43/66	65,2%	23/66	34,8%
F5	0	0	5/5	100%	F16	80/98	81,6%	18/98	18,4%
F6	5/16	31,2%	11/16	68,8%	F17	81/99	81,8%	18/99	18,2%
F7	3/13	23%	10/13	77%	F18	82/110	74,5%	28/110	25,5%
F8	5/14	35,7%	9/14	64,3%	F19	49/70	70%	21/70	30%
F9	7/25	28%	18/25	72%	F20	77/90	85,6%	13/90	14,4%
F10	21/42	50%	21/42	50%	F21	78/88	88,6%	10/88	11,4%
F11	30/75	40%	45/75	60%	F22	84/94	89,4%	10/94	10,6%

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela 6 é possível observarmos que da faixa etária de 1:2 até 1:6;29 não houve produção de //, sendo que em F4 a produção de segmentos foi nula. Já em F6, F7, F8 e F9 percebe-se uma pequena produção de dados com índices de 31,2%, 23%, 35,7% e 28% para produção de //, respectivamente.

Nas faixas etárias seguintes, verifica-se um percentual considerável na produção da líquida palatal, em F10 com 50% da produção alvo para //. Ainda que o número de dados tenha aumentado para 75 em F11, seu percentual de produção alvo diminui um pouco para 40%. Nas faixas etárias seguintes, é possível verificar que a relação entre o número de dados coletados e as frequências realizadas irão variar.

Por conseguinte, em F12, o número de dados é de 81, em F13 é de 86, enquanto em F14 o número de dados cai para 70 e em F15 para 66. Em F12, a frequência de produção do segmento é de 50,6% e sobe para 74,4% em F13. Em sentido contrário, esse percentual cai e atinge 71,4% e 65,2% em F14 e F15, respectivamente. Nas faixas F16 e F17, as frequências de produção são quase idênticas, totalizando 81,6% e 81,8% cada uma. Os índices observados nas faixas 16 e 17 caem na F18 e F19 e tem-se uma frequência de 74,5% e 20% de ocorrência de produção alvo.

Nas faixas F20, F21 e F22, o percentual de produção vai aumentando gradativamente, corroborando resultados já mencionados, segundo os quais a líquida palatal // é adquirida em torno dos 3:6 (RIBAS e MEZZOMO, 2004). Os índices de produção são de 85,6%, 88,6% e 89,4%, na devida ordem.

### 3.1.2.1 Líquida palatal: a ocupação do espaço de /l/

Para que se possa verificar a quantidade e o tipo de substituições encontradas na produção de /l/, são exibidos, a seguir, os resultados encontrados:

Tabela 7 - Distribuição geral da ocupação do espaço da lateral palatal /l/, por faixas etárias

Faixa etária	∅	l	y	outros
F1	2/4 50%	1/4 25%	1/4 25%	- -
F2	1/3 33,3%	- -	2/3 66,7%	- -
F3	1/1 100%	- -	- -	- -
F5	1/5 20%	- -	4/5 80%	- -
F6	6/11 54,5%	3/11 27,3%	2/11 18,2%	- -
F7	5/10 50%	5/10 50%	- -	- -
F8	3/9 44,4%	4/9 11,1%	- -	2/9 11,1%
F9	3/18 16,7%	8/18 44,4%	6/18 33,3%	1/18 5,6%
F10	7/21 33,3%	9/21 42,8%	4/21 19,0%	1/21 4,9%
F11	3/45 6,7%	29/45 64,4%	8/45 17,8%	5/45 11,1%
F12	1/40 2,5%	24/40 60%	12/40 30%	3/40 7,5%
F13	4/22 18,2%	6/22 27,3%	10/22 45,4%	2/22 9,1%
F14	2/20 10%	7/20 35%	10/20 50%	1/20 5%
F15	3/23 13,0%	18/23 78,3%	2/23 8,7%	- -
F16	4/18 22,2%	11/18 61,1%	3/18 16,7%	- -
F17	- -	12/18 66,7%	4/18 22,2%	2/18 11,1%
F18	3/28 10,7%	17/28 60,7%	5/28 17,9%	3/28 10,7%
F19	1/21 4,8%	12/21 57,1%	7/21 33,3%	1/21 4,8%
F20	- -	9/13 69,2%	4/13 30,8%	- -
F21	2/10 20%	4/10 40%	4/10 40%	- -
F22	- -	10/10 100%	- -	- -
Total	52/350 14,9%	189/350 54%	88/350 25,1%	21/350 6%

Fonte: Elaboração própria.

No intuito de verificar o que foi produzido pelas crianças em cada faixa etária, são exibidas, na Tabela 7, as omissões e as substituições, referentes ao alvo /ʎ/, produzidas pelas crianças. A tabela permite a verificação de que, de um modo geral, o maior número de substituições de /ʎ/ foi pela líquida //, como em [koe'lu]~/koeʎo/ e a semivocalização para [y], assim como em ['piʎo]~/piʎa/, com 54% e 25,1%, respectivamente. As produções do zero fonético alcançam 14,9% do total e trata-se de estratégia observada em quase todas as faixas etárias, à exceção da F17, F20 e F22.

As demais substituições ocorrem de forma mais episódica em casos de assimilação, como, por exemplo, em [pa'tasu]~/paʎaso/ e [ne'nyʎ]~/oreʎa/.

Dessa forma, os percentuais exibidos somam o total de 14,9% para as omissões de /ʎ/, 54% para a produção de [l], 25,1% para [ʎ] e 6% para outras produções.

### **3.1.2.2 Líquidas: efeito da tonicidade na produção de /ʎ/**

A tabela 8, apresentada a seguir, contém os resultados relativos à distribuição da produção do segmento alvo, neste caso o /ʎ/, em relação à tonicidade da sílaba, sem alteração ou apagamento do segmento em foco. Note-se que o /ʎ/, assim como o /ɲ/, não é licenciado pela língua portuguesa em posição inicial de palavra, desta forma, não ocorre nesta posição.

Tabela 8 - Efeito tonicidade na produção de /ʎ/ em relação à tonicidade da sílaba

Faixa etária	Pretônica		Tônica		Postônica	
F6	-	-	1/5	20%	4/5	80%
F7	-	-	1/3	33,3%	2/3	66,7%
F8	-	-	2/5	40%	3/5	60%
F9	-	-	1/7	14,3%	6/7	85,7%
F10	-	-	6/21	28,6%	15/21	71,4%
F11	1/30	3,3%	10/30	33,3%	19/30	63,4%
F12	1/42	2,4%	7/42	16,7%	34/42	80,9%
F13	-	-	21/64	32,8%	43/64	67,2%
F14	4/50	8%	14/50	28%	32/50	64%
F15	-	-	11/43	25,6%	32/43	74,4%
F16	1/80	1,2%	26/80	32,5%	53/80	66,3%
F17	-	-	22/81	27,2%	59/81	72,8%
F18	3/82	3,7%	26/82	31,7%	53/82	64,6%
F19	-	-	19/49	38,8%	30/49	61,2%
F20	1/77	1,3%	25/77	32,5%	51/77	66,2%
F21	1/78	1,3%	29/78	37,2%	48/78	61,5%
F22	1/84	1,2%	28/84	33,3%	55/84	65,5%

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 8 mostra, por meio das percentagens, que a postônica é a posição mais favorável à produção, seguida pela tônica, embora os percentuais se apresentem baixos. É possível observar a produção de /ʎ/ em posição postônica como em [a'beʎa], /is'peʎu/ e [tw'aʎa]; e em posição tônica, como em [ku'ʎe] ou [pɔ'ʎsu]. Já a posição pretônica parece desfavorecer a produção da líquida palatal. No entanto, um olhar para o tipo de palavra em que a lateral ocupa a posição pretônica mostra-se revelador, à medida que são itens lexicais com uma sequência de soantes palatais em decorrência da presença do sufixo -inho, como em *palhacinho* ou *coelhinho*.

## 3.2 Fricativas palatais

### 3.2.1 Fricativa palatal [-sonoro]: produção alvo ou não produção alvo

A Tabela 9 mostra os dados resultantes da produção ou não da fricativa surda palatal de acordo com o alvo.

Tabela 9 - Resultados relativos à produção ou não de /ʃ/

Faixa etária	Produção		Não produção		Faixa etária	Produção		Não produção	
F1	0	0	15/15	100%	F12	66/90	73,3%	24/90	26,7%
F2	0	0	5/5	100%	F13	86/100	86,0%	14/100	14,0%
F3	0	0	20/20	100%	F14	73/77	94,8%	4/77	5,2%
F4	0	0	14/14	100%	F15	69/83	83,1%	14/83	16,9%
F5	2/12	16,7%	10/12	83,3%	F16	89/94	94,7%	5/94	5,3%
F6	0	0	32/32	100%	F17	79/81	97,5%	2/81	2,5%
F7	0	0	28/28	100%	F18	106/111	95,5%	5/111	4,5%
F8	0	0	26/26	100%	F19	83/88	94,3%	5/88	5,7%
F9	2/42	4,8%	40/42	95,2%	F20	97/104	93,3%	7/104	6,7%
F10	19/81	23,5%	62/81	76,5%	F21	63/72	87,5%	9/72	12,5%
F11	45/65	69,2%	20/65	30,8%	F22	69/70	98,6%	1/70	1,4%

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 9 é possível observarmos que, de F1 até F8, a produção de /ʃ/ foi nula. Em F5, têm-se 12 contextos para a produção e, em apenas dois, a fricativa foi produzida, fato que voltou a se repetir na Faixa 9, mas em um universo de 42 contextos., totalizando a frequência de 16,7% e 4,8%, respectivamente.

Apenas em F10 pode ser observado que, dos 81 dados coletados, 19 correspondem à produção alvo, com uma frequência de produções de 23,5%. Já nas faixas etárias seguintes, verifica-se um percentual crescente para a produção da fricativa palatal surda.

A contagem de dados em F12 e F13 soma 90 e 99 contextos, com índices de produção que alcançam 73,3% e de 85,9%. Oliveira (2013) aborda o fato de as fricativas /ʃ/ e /ʒ/ serem consideradas de aquisição tardia. Nos dados estudados nesta pesquisa, em F13 o /ʃ/ pode ser considerado adquirido aos 2:4.

A partir de F14 os percentuais de acerto superam os 90%, sendo observado apenas na F15 um índice de 83,1%. Nas faixas subsequentes, as frequências de produção não apresentam muita variação, com percentual mantendo-se com índices de 94,7% e 97,5%, 95,5%, 94,3% e 93,3%, entre as faixas 16 a 20, respectivamente. Já na F21 verifica-se uma pequena queda, 87,5% e, na F22, alcança o patamar mais alto de 98,6% de produção da fricativa surda palatal.

### 3.2.1.1 Fricativa palatal [-sonoro]: a ocupação do espaço de /ʃ/

Matzenauer-Hernandorena (1994) reforça que as consoantes palatais do português são as de aquisição mais tardia, ao confrontar com outros fonemas de mesma classe, sejam /ʃ/ ou /ʒ/, entre as fricativas, sejam /ʎ/ e /ɲ/, entre as soantes. E dessas, /ʃ/ e /ʒ/, em que o primeiro fonema irá centrar a discussão no momento, são as que surgem por último no inventário fonológico da criança.

Para que se possa verificar a quantidade de omissões, substituições e assimilações ocorridas com o segmento /ʃ/, são exibidas, na sequência, as frequências relativas às formas produzidas pelas crianças.

Na Tabela 10 são registradas as ocorrências referentes à ocupação do espaço da fricativa palatal surda /ʃ/ de forma diferente do alvo, ou seja, a ocorrência de [∅], [s], [t], [d], [z], sendo que o zero fonético e a forma [s] mostraram maior incidência no espaço da fricativa /ʃ/.

Tabela 10 - Distribuição geral da ocupação do espaço da fricativa palatal surda /ʃ/, por faixas etárias

Faixa etária	∅	s	t	d	z	outros
F1	12/15 80%	3/15 20%	- -	- -	- -	- -
F2	4/5 80%	1/5 20%	- -	- -	- -	- -
F3	4/20 20%	16/20 80%	- -	- -	- -	- -
F4	4/14 28,6%	10/14 71,4%	- -	- -	- -	- -
F5	3/10 30%	7/10 70%	- -	- -	- -	- -
F6	12/32 37,5%	17/32 53,2%	1/32 3,1%	1/32 3,1%	- -	1/32 3,1%
F7	5/28 17,8%	20/28 71,4%	1/28 3,6%	- -	- -	2/28 7,1%
F8	4/26 15,4%	20/26 76,9%	1/26 3,8%	- -	- -	1/26 3,8%
F9	7/40 17,5%	27/40 67,5%	3/40 3,5%	- -	- -	3/40 3,5%
F10	5/62 8,0%	50/62 80,6%	5/62 8,0%	- -	1/62 1,6%	1/62 1,6%
F11	1/20 5%	14/20 70%	- -	- -	3/20 15%	2/20 10%
F12	2/24 8,3%	14/24 58,3%	4/24 16,7%	- -	3/24 12,5%	1/24 4,2%
F13	3/14 21,4%	8/14 57,1%	1/14 7,11%	- -	- -	2/14 14,3%
F14	1/4 25,0%	3/4 75,0%	- -	- -	- -	- -
F15	1/14 7,1%	13/14 92,9%	- -	- -	- -	- -
F16	2/5 40%	1/5 20%	- -	- -	- -	2/5 40%
F17	- -	2/2 100%	- -	- -	- -	- -
F18	- -	4/5 80%	- -	- -	- -	1/5 20%
F19	- -	5/5 100%	- -	- -	- -	- -
F20	1/7 14,3%	6/7 85,7%	- -	- -	- -	- -
F21	- -	9/9 100%	- -	- -	- -	- -
F22	- -	1/1 100%	- -	- -	- -	- -
Total	71/362 19,7%	251/362 69,3%	16/362 4,4%	1/362 0,3%	7/362 1,9%	16/362 4,4%

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se a ocorrência majoritária, durante o processo de aquisição da fricativa palatal surda /ʃ/, da ocupação do seu espaço preferencialmente pela forma [s], como nas produções ilustradas na Figura 38.

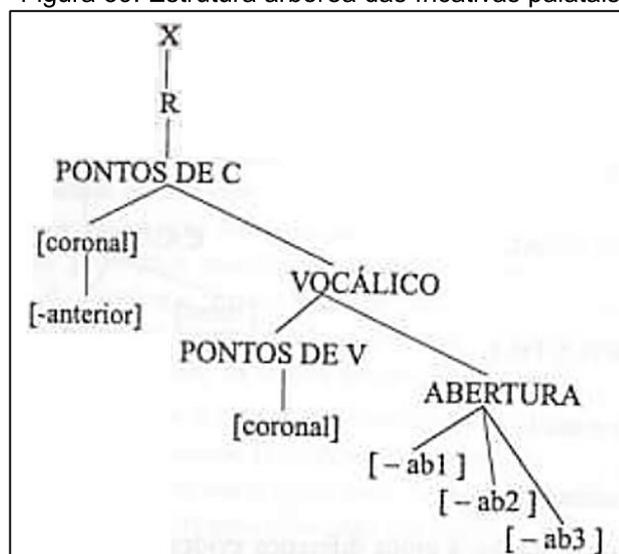
Figura 38: Processo de aquisição do /ʃ/: substituição do /ʃ/ por [s]

/ʃuva/	[ˈsuva]	/abakaˈʃi/	[abakaˈsi]
/ʃave/	[ˈsave]	/ˈpeife/	[ˈpesi]
/ʃefe/	[ˈsefe]	/kaˈʃoro/	[kaˈsoru]

Fonte: Elaboração própria.

Matzenauer-Hernandorena (1994) explica que não há qualquer relação no contexto precedente ou posterior da sílaba e nem de tonicidade à ocorrência de substituições das fricativas palatais. A explicação, segundo a autora, está na *geometria de traços*. De acordo com este referido modelo, a representação das consoantes envolvidas aparece em uma estrutura arbórea que explicita os nós de classe e os traços convenientes ao estudo, como mostra a Figura 39.

Figura 39: Estrutura arbórea das fricativas palatais



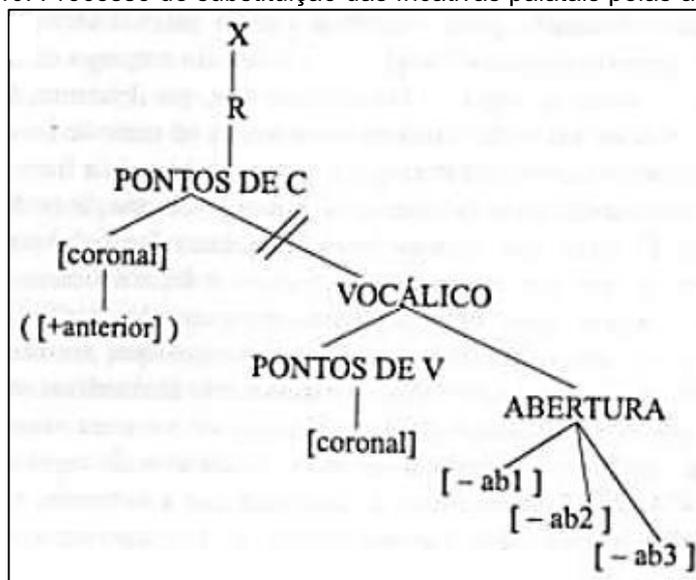
Fonte: MATZENAUER-HERNANDORENA, 1994

Segundo Matzenauer-Hernandorena (1994), se as crianças estão interpretando as fricativas palatais como consoantes complexas, durante o desenvolvimento fonológico, e por isso emprega a fricativa [s] em seu lugar é porque todas as consoantes coronais do português passam a ser tratadas como portadoras do traço [+anterior], já que, dentre as consoantes coronais do português, somente as palatais têm traço [-anterior].

Ao admitir as consoantes fricativas palatais como consoantes complexas, as substituições de /s/ por [ʃ] seriam resultantes de um processo de demarcação, em que há o desligamento do nó VOCÁLICO dependente dos nós PONTO DE C. Por meio do desligamento do nó VOCÁLICO, O TRAÇO DEPENDENTE

[coronal] passaria a [+anterior]. Na Figura 40, está representado o processo de substituição das fricativas palatais pelas alveolares, na produção infantil:

Figura 40: Processo de substituição das fricativas palatais pelas alveolares

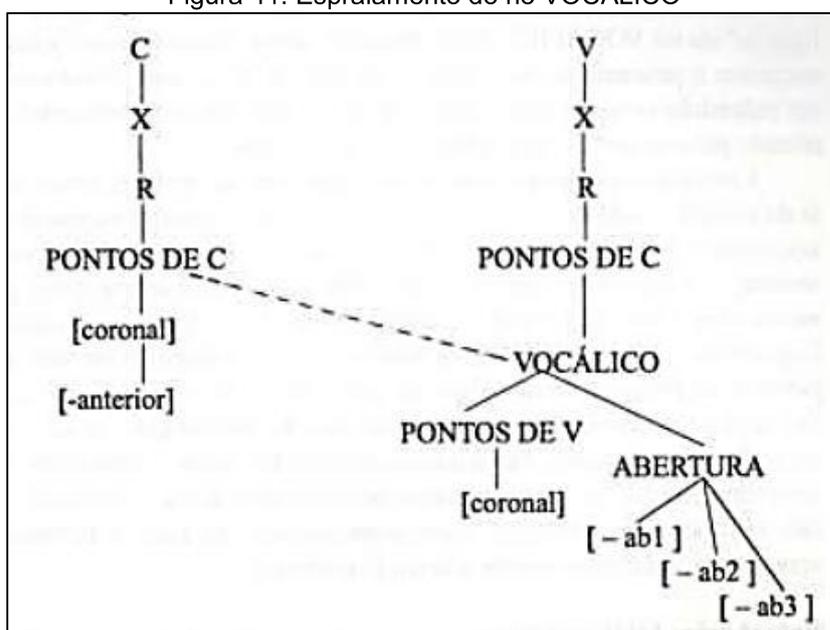


Fonte: MATZENAUER-HERNANDORENA, 1994.

Em F6, na Tabela 10, por exemplo, encontra-se uma produção de /ʃ/, como em [e'te]~/ěfer/, e uma de /d/ semelhante em ['bidu]~/ bifo/.

Quanto ao processo de palatalização de /t/ e /d/, conforme Matzenauer-Hernandorena (1994), ocorre como resultado do espraio do nó VOCÁLICO.

Figura 41: Espraio do nó VOCÁLICO

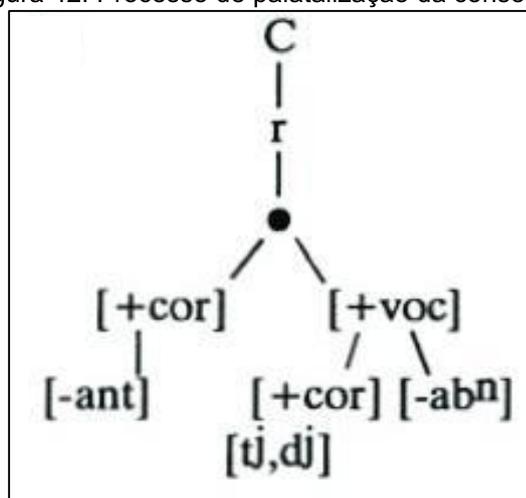


Fonte: MATZENAUER-HERNANDORENA, 1994

Bisol e Hora (1993) explicam que o espriamento do nó VOCÁLICO tem a capacidade de converter o traço [+anterior] em [-anterior], já que carrega consigo o traço [-anterior] que, redundantemente, integra toda vogal.

Dessa forma, tem-se a agregação de traços secundários na matriz de uma consoante que hipoteticamente se formaria apenas por traços primários. Considerando somente os pontos de articulação, o resultado é uma consoante complexa.

Figura 42: Processo de palatalização da consoante



Fonte: BISOL-HORA (1993, p.32).

Conforme Bisol e Hora (1993, p.33), o processo de palatalização de /d/ e /t/ consiste na presença da articulação secundária da consoante: ti>tʃ/di>dʃ.

Em F10, na Tabela 10, surge uma ocorrência de /z/ em lugar de /ʃ/, em ['zazi] para /ʃave/ e, em F12, têm-se o /ʒ/ no espaço de /ʃ/, como em ['biʒu] para /biʃo/. Isso se deve ao processo de sonorização, que é um tipo de assimilação que consiste na perda da propriedade do não vozeamento e no conseqüente acréscimo do traço [+sonoro] presente nas vogais que estão no entorno da consoante. De outro modo, a sonorização é um processo que transforma as consoantes surdas ou não vozeadas em sonoras ou vozeadas.

### 3.2.1.2 Fricativa surda: efeito da tonicidade na produção de /ʃ/

A tabela 11 apresenta os resultados relativos à distribuição da produção do /ʃ/, em se considerando a tonicidade da sílaba, sem alteração ou apagamento do segmento.

Tabela 11 - Efeito tonicidade na produção de /ʃ/ em relação à tonicidade da sílaba

Faixa etária	Pretônica		Tônica		Postônica	
F5	-	-	2/2	100%	-	-
F9	-	-	1/2	50%	1/2	50%
F10	-	-	10/19	52,6%	9/19	47,4%
F11	18/45	40%	17/45	37,8%	10/45	22,2%
F12	12/66	18,2%	30/66	45,4%	24/66	36,4%
F13	16/85	18,8%	36/85	42,4%	33/85	38,8%
F14	18/73	24,7%	29/73	39,7%	26/73	35,6%
F15	10/69	14,5%	36/69	52,2%	23/69	33,3%
F16	29/89	32,5%	32/89	36%	28/89	31,5%
F17	18/79	22,8%	32/79	40,5%	31/79	39,2%
F18	23/106	21,7%	46/106	43,4%	37/106	34,9%
F19	21/83	25,3%	40/83	48,2%	22/83	26,5%
F20	19/97	19,6%	48/97	49,5%	30/97	30,9%
F21	11/63	17,5%	31/63	49,2%	21/63	33,3%
F22	13/69	18,8%	36/69	52,2%	20/69	29%

Fonte: Elaboração própria.

Considerando a variável tonicidade, constatamos que, para /ʃ/, a posição de sílaba que se mostrou mais favorável foi a posição de tônica, seguida das posições postônica e pretônica. Segundo Oliveira (2003), “de acordo com a literatura em geral a sílaba tônica é a mais favorável à produção e a mais perceptível para a criança”. A Tabela 11 mostra, por meio das percentagens, que para a fricativa surda palatal a sílaba tônica é também nesta amostra a posição mais favorável à produção de acordo com o alvo, seguida pela postônica.

É possível observar a produção de /ʃ/ de acordo com o alvo em posição tônica em diminutivos como em [kɑ'ʃɪna]~/kajʃɪna/, também em posição inicial de palavra tal como em ['ʃikara]~/ʃikara/ ou em posição final de palavra como nem [abaka'ʃi]~/abaka'ʃi/.

### 3.2.2 Fricativa palatal [+sonoro]: produção alvo ou não produção alvo

A Tabela 12 mostra os dados resultantes da produção ou não da fricativa palatal sonora. Em F1 e F2 não há contextos para a produção da fricativa sonora palatal /ʒ/ nem de estruturas semelhantes.

Tabela 12 - Resultados relativos à produção ou não de /ʒ/

Faixa etária	Produção		Não produção		Faixa etária	Produção		Não produção	
F3	0	0	3/3	100%	F13	43/54	79,6%	11/54	20,4%
F4	0	0	1/1	100%	F14	59/62	95,2%	3/62	4,8%
F5	4/6	66,7%	2/6	33,3%	F15	44/50	88%	6/50	12%
F6	0	0	6/6	100%	F16	66/74	89,2%	8/74	10,8%
F7	0	0	6/6	100%	F17	63/74	85,1%	11/74	14,9%
F8	0	0	9/9	100%	F18	87/94	92,6%	7/94	7,4%
F9	3/6	50%	3/6	50%	F19	53/60	88,3%	7/60	11,7%
F10	2/34	5,9%	32/34	94,1%	F20	66/72	91,7%	6/72	8,3%
F11	20/36	55,6%	16/36	44,4%	F21	59/69	85,5%	10/69	14,5%
F12	44/55	80%	11/55	20%	F22	74/76	97,4%	2/76	2,6%

Fonte: Elaboração própria

Na Tabela 12 é possível observarmos que de F1 a F4 e de F6 a F8 a produção de /ʒ/ foi nula, havendo em F5 a realização de seis contextos onde em 4 dados tem-se a ocorrência do alvo, totalizando 66,7% de formas em consonância com o alvo.

A oscilação na produção ou não de /ʒ/ mostra que o domínio desses fonemas não é linear, mas gradual, devido às formas regressivas de uso. De acordo com Oliveira (2003), “uma das possíveis explicações para as quedas na produção pode ser o aumento de complexidade, para a criança, de um outro componente da língua, tal como o componente sintático, o semântico, o morfológico ou pragmático, que leva a criança a dividir sua atenção entre mais fatores linguísticos”. Em F12 o fonema /ʒ/ já está adquirido pela criança.

#### 3.2.2.1 Fricativa palatal [+sonoro]: a ocupação do espaço de /ʒ/

Na Tabela 13, fez-se um levantamento procurando verificar as quantidades de omissões e substituições ocorridas de /ʒ/, bem como as frequências das formas fonéticas produzidas pelas crianças.

Na Tabela 13 são registradas as ocorrências referentes à ocupação do espaço da fricativa palatal sonora /ʒ/ de forma diferente do alvo, ou seja, a ocorrência de [∅], [z], [l], [t], [f], [d], [s], sendo que o zero fonético e a forma [z] foram as de maior incidência no espaço da fricativa /ʒ/.

Tabela 13 - Distribuição geral da ocupação do espaço da fricativa palatal sonora /ʒ/, por faixas etárias

Faixa etária	∅	z	l	t	f	d	s
F3	3/3 100%	-	-	-	-	-	-
F4	1/1 100%	-	-	-	-	-	-
F5	1/2 50%	1/2 50%	-	-	-	-	-
F6	1/6 16,7%	5/6 83,3%	-	-	-	-	-
F7	1/6 16,7%	5/6 83,3%	-	-	-	-	-
F8	2/9 22,2%	7/9 77,8%	-	-	-	-	-
F9	- -	3/3 100%	-	-	-	-	-
F10	2/32 6,3%	29/32 90,6%	1/32 3,1%	-	-	-	-
F11	5/16 31,2%	11/16 68,8%	-	-	-	-	-
F12	3/11 27,3%	5/11 45,4%	1/11 9,1%	1/11 9,1%	1/11 9,1%	-	-
F13	2/11 18,2%	5/11 45,4%	3/11 27,3%	-	1/11 9,1%	-	-
F14	1/3 33,3%	2/3 66,7%	-	-	-	-	-
F15	- -	3/6 50%	1/6 16,7%	-	1/6 16,7%	1/6 16,6%	-
F16	1/8 12,5%	7/8 87,5%	-	-	-	-	-
F17	1/11 9,1%	8/11 72,7%	2/11 18,2%	-	-	-	-
F18	- -	5/7 71,4%	1/7 14,3%	-	-	-	1/7 14,3%
F19	1/7 14,3%	4/7 57,1%	1/7 14,3%	1/7 14,3%	-	-	-
F20	- -	5/6 83,3%	1/6 16,7%	-	-	-	-
F21	1/10 10%	7/10 70%	-	-	1/10 10%	-	1/10 10%
F22	2/2 100%	-	-	-	-	-	-
Total	28/160 17,5%	112/160 70%	11/160 6,9%	2/160 1,3%	4/160 2,5%	1/160 0,6%	1/160 0,6%

Fonte: Elaboração própria.

Numa visão geral, percebe-se que o fonema /ʒ/ foi preferencialmente substituído por /z/ (Matzenauer-Hernandorena, 1994), como nas produções a seguir.

Figura 43: Processo de aquisição do /ʒ/: substituição do /ʒ/ por [z]

/ʒo'gar/	[zo'ga]	/i'greʒa/	[i'geza]
/ʒa'nɛla/	[za'nɛla]	/fei'ʒãw/	[fe'zaw]
/ʒe'lado/	[ze'ladu]	/'oʒe/	['ozi]

Fonte: Elaboração própria.

No tópico 3.2.1.1, foi explicitado que as fricativas palatais [-sonoro] e a [+sonoro] tendem a surgir numa etapa mais avançada no processo de aquisição fonológica e comportam-se como uma consoante complexa, podendo assim serem explicadas pela *geometria de traços*. Nos dados da Tabela 13, variou pouco o percentual de “zeros fonéticos” e observou-se baixa ocorrência de substituições.

Além dos casos de substituição, alguns processos fonológicos marcaram as produções para este segmento. Em F12, a criança produziu [leɣ̃ti] em vez de /ʒente/. Em F13, por exemplo, encontramos a metátese [ɾa'zana] para /laranʒa/, onde também ocorre a substituição da fricativa sonora palatal /ʒ/ pela fricativa alveolar /z/. Em F19, há a assimilação de [lald'dela] para /ʒeladejra/.

### 3.2.2.2 Fricativa sonora: efeito da tonicidade na produção de /ʒ/

A Tabela 14 apresenta os resultados relativos à distribuição da produção do /ʒ/, em relação à tonicidade da sílaba, sem alteração ou apagamento do segmento.

Tabela 14 - Efeito tonicidade na produção de /ʒ/ em relação à tonicidade da sílaba

Faixa etária	Pretônica		Tônica		Postônica	
F5	-	-	2/4	50%	2/4	50%
F9	-	-	-	-	3/3	100%
F10	-	-	1/2	50%	1/2	50%
F11	-	-	2/20	10%	18/20	90%
F12	21/44	47,7%	3/44	6,8%	20/44	45,5%
F13	19/43	44,2%	3/43	7%	21/43	48,8%
F14	31/59	52,5%	10/59	17%	18/59	30,5%
F15	28/44	63,6%	4/44	9,1%	12/44	27,3%
F16	30/66	45,5%	15/66	22,7%	21/66	31,8%
F17	37/63	58,7%	5/63	7,9%	21/63	33,4%
F18	44/87	50,6%	16/87	18,4%	27/87	31%
F19	30/53	56,6%	9/53	17%	14/53	26,4%
F20	36/66	54,5%	11/66	16,7%	19/66	28,8%
F21	29/59	49,1%	4/59	6,8%	26/59	44,1%
F22	35/74	47,3%	6/74	8,1%	33/74	44,6%
Total	340/687	49,5%	91/687	13,2%	256/687	37,3%

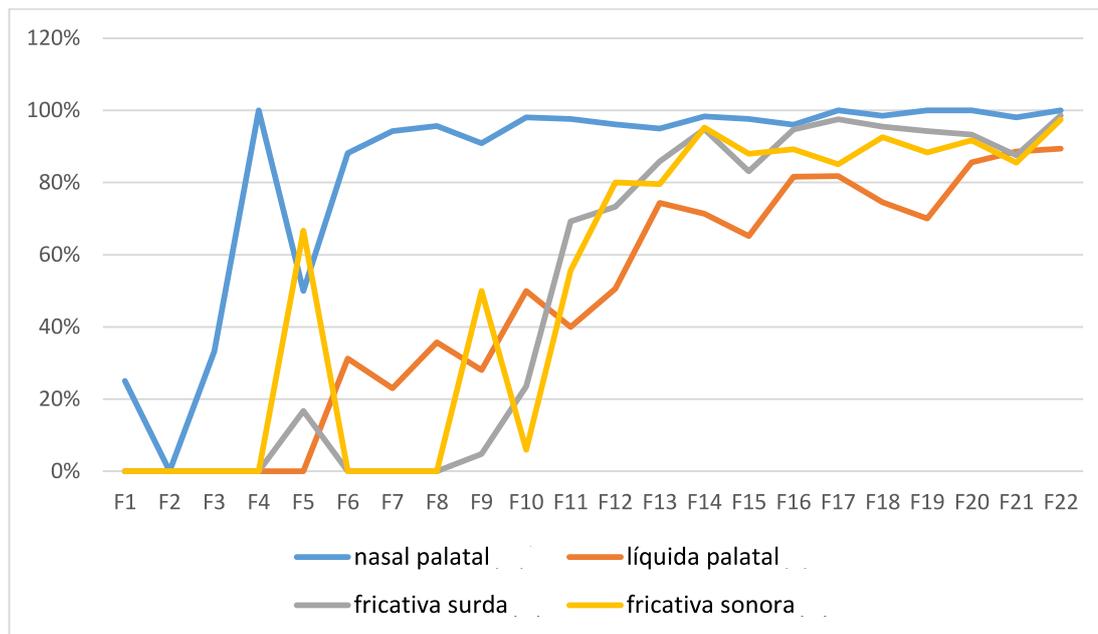
Fonte: Elaboração própria.

Analisando a porcentagem de produção de /ʒ/ na Tabela 14, verifica-se que nas seis primeiras faixas etárias referidas, a maior produção é de sílaba postônica. Entretanto, da F14 em diante, a produção do segmento na sílaba pretônica é que prevalece.

Analisando o total do percentual de produções em relação ao efeito tonicidade no emprego de /ʒ/, tem-se que a sílaba pretônica foi a mais favorável, com 49,5% de realizações. Em segundo lugar vê-se a postônica com 37,3% dos dados. Embora a sílaba tônica, como fora dito no tópico 4.2.3, seja considerada a mais perceptível pela criança, foi a sílaba menos favorecedora para o emprego de /ʒ/ de acordo com o alvo, com apenas 13,2% das produções. Talvez se possa atribuir a maior incidência do emprego de /ʒ/ em sílabas pretônicas à própria frequência na língua, já que prevalecem as palavras trissílabas paroxítonas iniciadas por este fonema (exs.: janela, joelho, gigante, girafa, jacaré, jardim, jaguar, jiboia) diante de itens lexicais que trazem o fonema /ʒ/ em sílaba postônica (exs.: igreja, laranja, franja, queijo) ou em sílaba tônica (exs.: jovem, gêmeo, gema, gelo).

Após a apresentação dos dados analisados, a fim de comparar a trajetória das crianças no que concerne às consoantes palatais da língua, apresentamos a síntese dos resultados obtidos nesta pesquisa:

Gráfico 1: Comparação na aquisição das consoantes palatais



Fonte: Elaboração própria.

É possível observar, no Gráfico 1, a linha de desenvolvimento para a aquisição de cada uma das palatais por faixa etária, de acordo com o corpus que deu suporte ao presente estudo. Levando-se em consideração que um segmento é adquirido quando se observa 85% de produção, vemos que o /ɲ/ é o primeiro dos segmentos palatais a ser adquirido pela criança, já em F4 (1:5 - 1:5;29). A segunda das palatais a ser adquirida é a fricativa surda /ʃ/, em F13 (2:4 - 2:5;29). Logo após, tem-se a aquisição da fricativa sonora /ʒ/, em F14 (2:6 - 2:7;29). A última e mais tardia das palatais é a líquida /ʎ/, adquirida em F20 (3:6 - 3:7;29). Esses resultados corroboram os achados de Rangel (1998). Confirma o que dizem Matzenauer e Costa (2017, p.62), que sustentam o argumento de que há uma sequência temporal para a aquisição dos segmentos até a criança adquirir o inventário consonantal do português, sendo que todas as palatais têm aquisição mais tardia por apresentarem estrutura de consoante complexa. Porém, sobretudo por seguir uma ordem de aquisição, em que alguns sons são adquiridos primeiro que outros, a criança usa estratégias para produzir os segmentos que ainda não compõem o seu inventário fonológico por meio da tentativa de erro e acerto.

Reiterando a fala das autoras e com base nos resultados observados no Gráfico 1, verifica-se uma ordem de evolução, em que alguns segmentos são adquiridos primeiro que outros, que a aquisição da nasal palatal /ɲ/ em relação

às outras nasais é a mais tardia, porém ela é a mais precoce das palatais; depois são adquiridas as fricativas palatais /ʃ, ʒ/, que são mais tardias em relação às outras fricativas, e; por último, a líquida palatal /ʎ/, que é uma das últimas a ser adquirida. À medida que a idade cronológica da criança aumenta, verifica-se que a compreensão do sistema linguístico da comunidade em que vive aumenta, bem como o seu conhecimento internalizado sobre as regras que regem o funcionamento da língua.

#### 4 Considerações finais

Tendo em vista a complexidade das consoantes palatais na aquisição da linguagem (NEUSCHRANK e MATZENAUER, 2012) e também o fato de essas consoantes não fazerem parte do sistema consonantal do latim clássico, estando o seu surgimento relacionado a processos de palatalização (SILVA, 2001; WILLIAMS, 2001), esta pesquisa fez uma retomada de aspectos relacionados aos processos de palatalização na trajetória do latim para o português, bem como de resultados referentes ao desenvolvimento linguístico voltado à fonologia das palatais na fala e na escrita. O foco da pesquisa incidiu sobre as consoantes palatais na aquisição da fonologia de crianças brasileiras com idades entre 1:2 até 3:11;29. O estudo analisou as estratégias utilizadas ao longo do processo e buscou definir os períodos em que cada uma das palatais foi adquirida.

Buscou-se compreender os processos envolvidos durante a aquisição desta classe de fonemas na fala da criança, a partir de três objetivos delineados para a pesquisa, quais sejam: i. descrever e analisar dados de fala inicial com foco nas consoantes palatais do português brasileiro (PB); ii. descrever e analisar as estratégias observadas na aquisição da linguagem de palatais do português por crianças brasileiras; iii. discutir os dados de aquisição fonológica à luz de resultados de estudos sobre as palatais na diacronia e na aquisição da escrita.

A computação dos dados da amostra, que tem caráter transversal, mostrou que, dentre as soantes, as nasais palatais estão adquiridas a partir de 1 ano e 5 meses, seguidas da fricativa [-sonoro], consistentemente produzidas na Faixa 13, composta por crianças com idades entre 2:4 e 2:5;29. Na Faixa etária seguinte, F14, as crianças da amostra estudada apresentam produção compatível com a fricativa sonora aos 2 anos e 6 meses. Quase um ano depois, observa-se a estabilização na produção das líquidas palatais, em F20, faixa etária que compreende crianças de 3:6 a 3:7;29. A ordem  $\eta < \text{ʃ} < \text{ʒ} < \text{ʎ}$  corrobora os achados de Rangel (1998) ao reconhecer que todas as palatais têm aquisição tardia, sendo a lateral a mais tardia dentre todas.

Quanto às estratégias de reparo, compreendidas como formas utilizadas pelas crianças para ajustar sua produção ao sistema-alvo, foram observadas produções condizentes com a proposta de consoante complexa para as soantes

palatais, à medida que a emergência de segmentos correspondentes a um ou outro nó (vocálico e/ou consonantal) foi verificada nos dados. Já no que diz respeito às fricativas, se a elas for atribuída estrutura interna de segmentos simples, pode afirmar-se que a fixação do valor do traço [anterior] se mostrou como o principal responsável pelas trocas observadas. Diferentemente, se às fricativas palatais for atribuída estrutura interna de segmentos complexos, pode afirmar-se que o emprego simultâneo das duas articulações (a articulação primária consonantal e a articulação secundária vocálica) é tardia, sendo o emprego de apenas uma articulação (ou a consonantal ou a vocálica) o principal responsável pelas trocas observadas.

Nos dados analisados, a omissão mostra-se recorrente para todas as consoantes analisadas. Verificou-se, no contexto das soantes, que os zeros fonéticos são significativamente mais frequentes para a nasal do que para a lateral, em 50% e 14,9%, respectivamente; e 19,7% e 17,5% para as fricativas [-sonoro] e [+sonoro].

No que diz respeito às soantes palatais, em 33,3% dos casos, a nasal palatal /ɲ/ foi substituída pela nasal alveolar [n] e em 9,5% houve a semivocalização de [n] para [w]. Para a líquida palatal /ʎ/ verificou-se que o maior número de substituições pela lateral alveolar /l/, em 54% dos casos e a semivocalização de /ʎ/ para /y/ apresentou índice de 25,1%. A ocupação do espaço da fricativa palatal surda /ʃ/ mostra 69,3% de ocorrência de [s] e 1,9% de sonorizações da alveolar. Por fim, para a fricativa palatal sonora /ʒ/ houve a substituição pela forma fricativa alveolar [z] em 70% dos dados analisados.

Na diacronia do português observa-se o aparecimento de uma classe de africadas (no português antigo) que são o produto de processos de palatalização, ou seja, a construção de um elemento novo a partir de dois pré-existentes; foi desse processo que se originaram as consoantes palatais (/ɲ /, / ʃ /, / ʒ /, / ʎ /), segmentos inexistentes no sistema do latim clássico (MARTINS, 2016, p.5). Nos dados de aquisição da linguagem analisados, verificou-se que tais segmentos têm aquisição mais tardia também nos inventários infantis e que as estratégias utilizadas sinalizam a complexidade interna das soantes palatais, assim como a definição do valor do traço [anterior].

Visto que no período de escrita inicial a criança já dispõe do domínio fonológico sobre o sistema sonoro de sua língua e também que as soantes são

representadas por dígrafos com H, numa relação quase direta seria esperado que as grafias convencionais desde cedo estivessem estabilizadas. No entanto os estudos do GEALE (reportados nesta dissertação (TEIXEIRA e MIRANDA, 2008, 2010; MIRANDA, 2014; TAVARES, 2019) chamam atenção para a qualidade dos erros observados, os quais servem como pistas para a interpretação das soantes palatais como segmentos complexos, reafirmando a ideia de que o erro de escrita inicial pode promover reflexões pertinentes ao funcionamento do sistema linguístico, em especial, o fonológico.

As estratégias utilizadas nas escritas iniciais, especialmente as de natureza fonológica, revelam para as grafias das soantes a presença de grafema que representa uma parte do segmento, dados interpretados por Miranda (2014) e Tavares (2019) como a manifestação de uma das porções que compõem o segmento complexo, havendo maior incidência no registro gráfico que corresponde à consoante alveolar, fenômeno observado por Matzenauer (2000) para a aquisição fonológica e também corroborado pelos dados desta pesquisa.

Já no que diz respeito às fricativas, os estudos de escrita tendem a argumentar em favor de um segmento simples, diferentemente da proposta de unidade complexa, como se lê em Bisol (1994) na discussão dos ditongos fonéticos do português ou conforme argumenta Matzenauer (1995), referentemente ao processo de aquisição fonológica.

Este estudo teve como ponto central o funcionamento do nível fonológico da língua e permitiu observar que, durante a aquisição, a criança dispõe de uma gramática natural internalizada que, embora em muito distante da produção da língua-alvo, orienta a construção da gramática fonológica. Visando a oferecer elementos que contribuam para a compreensão do processo de desenvolvimento do conhecimento fonológico, espera-se que este trabalho contribua para que as teorias fonológicas sigam sendo exploradas para expressar e explicar o que ocorre no processo de aquisição da linguagem de forma inovadora, bem como contribuir para as reflexões sobre a aquisição da escrita de um sistema de escrita alfabética, como o português.

Diacronia, assim como aquisição, pressupõe mudança. Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida pretendeu contribuir para que fenômenos da linguagem em suas dimensões históricas e desenvolvimentais sejam descritos e produzam novos resultados sobre essa classe de segmentos pouco estudada no âmbito do

desenvolvimento fonológico. Trata-se de um estudo que não teve como finalidade se encerrar nestas poucas páginas, mas abrir novos horizontes para outros pesquisadores darem continuidade às investigações a partir de análises que envolvam amostras mais robustas.

## Referências

ADAMOLI, Marco Antônio. 2006. **Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia**. Dissertação de Mestrado, UFPel, Pelotas.

ADAMOLI, Marco Antônio ; Miranda, Ana Ruth Moresco . **Dados de aquisição da fala e da escrita e sua contribuição à discussão dos ditongos fonéticos [ɫa] e [je] do PB**. Linguagem & Ensino (UCPel) , v. 21, p. 119-145, 2018.

AMARIZ, Clarissa de Menezes. **O processo de metátese na diacronia e na aquisição do português**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 99 f., 2014.

ARAÚJO, Reginaldo Gomes de. **Breve Fonologia Contrastiva: Hebraico e Português**. Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, Universidade de São Paulo, No. 19, 2021.

BISOL, Leda; HORA Dermeval da. **Palatalização da oclusiva dental e Fonologia Lexical**, Letras, 5: 25-40, 1993.

BONILHA, G. Sobre a aquisição das vogais. In: LAMPRECHT, R. R. *et. al* (2004) **Aquisição Fonológica do Português – Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Atmed Editora S.A., 2004, p. 61-71.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

CAMARA JR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão livraria e editora, 1975.

CAMARA JR, J. M. **História da linguística**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

CHOMSKY, N. (1988) **Language and problems of Knowledge: The Managua Lectures**. Cambridge,Mass: The MIT Press.

CLEMENTS, George Nick; HUME, Elisabeth. **The internal organization of speech sounds**, em J. Goldsmith (ed.), *The Handbook of phonological theory*, Massachussets, Blackwell: 245-306, 1995.

COUTINHO, I. L. **Pontos de gramática histórica**. 6.ed. rev. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1974.

CRISTOFOLINI, C.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Análise acústica e modelo representacional: uma proposta inicial de entendimentos dos desvios fonológicos**. Fórum Linguístico, Florianópolis, v.16, n. 2, p. 3809-3824, 2019.

DIAS, E. F. **Processos de palatalização das consoantes velares e alveolares no português arcaico**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. Minas Gerais, 137 f, 2009.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FIORIN, J. L. **Introdução à linguística: objetos teóricos**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FREITAS, M. J. Aquisição da fonologia em língua materna: a sílaba. In: FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. (orgs.). **Aquisição de língua materna e não materna: questões gerais e dados do português**. Berlin: Language Science Press. 2017.

FREITAS, C. C. M. Sobre a aquisição das Plosivas e Nasais. In: LAMPRECHT, R. R. *et. al* (2004) **Aquisição Fonológica do Português – Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Atmed Editora S.A., 2004, p. 73-81.

GAMBA, Pedro Augusto. **As soantes palatais no português: uma caracterização fonético-fonológica**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 199 f., 2015.

GONÇALVES, J.S.S; REDMER, S.C. da S.; RICHARDT, L.G.; RIET, S.N.; COSTA, V.G. da; MATZENAUER-HERNANDORENA, C.L.B. **A relação líquidas/glides na aquisição da linguagem à luz das Teorias Fonológicas**. In: Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 7, 2006. Pelotas, RS.

ILARI, R. **Linguística Românica**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1999.

JAKOBSON, R. **Child language, aphasia and phonological universals**. The Hague: Mouton, 1968.

KARMILOFF-SMITH, A. **Más allá de la modularidad: la ciencia cognitiva desde la perspectiva del desarrollo**. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1994.

LAMPRECHT, R. **Antes de mais nada**. In: LAMPRECHT, R. R. *et al*. (orgs). **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: ArtMed, 2004, p. 17-32.

MAIA, C. **História do Galego-Português, Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI**. Coimbra: INIC, 1986.

MARTINS, Ana Maria (2016). **Introdução: O português numa perspetiva diacrónica e comparativa**. In: Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (eds.), **Manual de Linguística Portuguesa**. Berlin/Boston: De Gruyter. 1-39.

MARTINS, R. M. F.; MARIANO, L. F. (2020). **Aquisição fonológica do português: um estudo longitudinal**. Revista Do GEL, 17(2), 148–169.

MATTOS & SILVA, Rosa Virgínia **O português arcaico: fonologia**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MATZENAUER [HERNANDORENA], Carmen Lúcia. **Aquisição da fonologia do Português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos**, Tese de Doutorado, PUCRS, Porto Alegre, 1990.

MATZENAUER [HERNANDORENA], Carmen Lúcia. **A Geometria de Traços na representação das palatais na aquisição do Português**, Letras de Hoje, 29 (4):159-167, 1994.

MATZENAUER [HERNANDORENA], Carmen Lúcia. **As soantes palatais no português brasileiro: uma discussão sobre seu status fonológico**, em E. Gärtner (ed.), Estudos de Gramática portuguesa, Frankfurt am Main, TFM, vol. 13: 301-321, 2000.

MATZENAUER, Carmen Lúcia. **Homogeneidade/heterogeneidade na aquisição e na variação fonológica**. In: VANDRESEN, P. (org.). Variação e mudança no português falado na região sul – Pelotas: EDUCAT, p. 95- 114, 2002.

MATZENAUER, Carmen Lúcia. **Segmentos consonantais na aquisição da fonologia e na tipologia de línguas**. Letras, (36), 57–84, 2008.

MATZENAUER, C. L.; COSTA, T. **Aquisição da fonologia em língua materna: os segmentos**. In: FREITAS, M.J.; SANTOS, A. L.; (EDS). Aquisição da língua materna e não materna: questões gerais e dados do português – Berlin: Language Science Press, 2017. Cap 3, p. 51-70.

MEZZOMO, C. L.; RIBAS, L. P. Sobre a aquisição das Líquidas. In: LAMPRECHT, R. R. *et. al* (2004) **Aquisição Fonológica do Português – Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Atmed Editora S.A., 2004, p. 95-109.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. **A aquisição do ‘r’: uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico**, Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

MIRANDA, A. R. M.; MATZENAUER, C. L. B. Aquisição da fala e da escrita: relações com a fonologia. **Cadernos de Educação**, n. 35, p. 359-406, 2010.

MIRANDA, Ana. Ruth. Moresco. **A fonologia em dados de escrita inicial de crianças brasileiras**. Revista Linguística, Montevideo, v. 30, p. 45-80, dez. 2014.

MIRANDA, Ana. Ruth. Moresco. **As sílabas complexas: fonologia e aquisição da linguagem oral e escrita.** Fórum linguístico, Florianópolis, v.16, n.2, p.3825-3848, 2019.

MIRANDA, A. R. M.; PACHALSKI, L.; RICHETTI, L. S. **Os dígrafos do português na escrita de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.** Revista Fórum Linguístico, v. 20, n. 1 (2023): As Linguísticas da Alfabetização, p. 8727-8745, 07 fev. 2023.

NEUSCHRANK, A. **Fonologização na diacronia: do Latim ao Português Moderno.** Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 181 f, 2015.

NEUSCHRANK, A. MATZENAUER, C. L. **A palatalização na diacronia do PB: o surgimento dos seguimentos palatais à luz de teoria fonológica.** Scielo Uruguay, vol.27, n.1, pp.18-46, 2012.

NUNES, J. J. N. **Compêndio de gramática histórica portuguesa- fonética e morfologia.** 5. ed.- Lisboa: Editora Livraria Clássica, 1945.

OLIVEIRA, C . **Perfil da aquisição das fricativas /f/, /v/, /ʒ/ e /ʃ/ do Português Brasileiro: um estudo quantitativo.** Letras Hoje. 2003;38(2):97-110.

OLIVEIRA, C. **Sobre a aquisição das fricativas** In: LAMPRECHT, R. R. *et. al* (2004) **Aquisição Fonológica do Português – Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia.** Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2004, p. 83-94.

PACHALSKI, L. **A grafia de sílabas complexas na aquisição da escrita: relações entre fonologia e ortografia.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 197 f, 2020.

RANGEL, G. De A. **Uma análise auto-segmental da fonologia normal: estudo longitudinal de 3 crianças de 1:6 a 3:0.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS. Porto Alegre, 128 f, 1998.

SCHWINDT, Luiz. Carlos. **Neutralização da vogal pretônica e formação de palavras em português brasileiro.** Organon, v. 28, p. 1-19, 2013.

SILVA, R. V. M. e. **O português arcaico: fonologia.** 4. Ed. – São Paulo: Contexto, 2001.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, S. S.; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. **Os erros considerados híbridos na grafia de crianças dos anos iniciais.** In: XXIII Encontro de Pós-Graduação UFPel, 2021, Pelotas. Ciências Humanas, 2021.

TAVARES, F. C. **As soantes palatais do português na diacronia e na aquisição da linguagem escrita**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 89 f, 2019.

TAVARES, Franciele Collovini; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. **A líquida palatal do português na diacronia e na aquisição da escrita**. Revista do GEL, v. 17, n. 1, p. 308-328, 2020.

TEIXEIRA, Shimene de Moraes e Ana Ruth Moresco Miranda. 2010. **O que os estudos de 2008 a 2010 revelam acerca da grafia das soantes palatais?** Anais do XIX Congresso de Iniciação Científica, XII Encontro de Pós-Graduação e I Mostra Científica, Pelotas, Editora Universitária / UFPEL: 1-4.

TEIXEIRA, S. M.; OLIVEIRA, N. D. **A aquisição gráfica das soantes palatais: um estudo acerca da relação fonologia – ortografia**. Resumo Abralín, v. 1, 2009.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, [1997] 2007.

VASCONCELOS, JOSE LEITE DE, **Lições de Filologia Portuguesa**, 1ª ed., A. M. Teixeira, Lisboa, 1911; 2ª ed., Biblioteca Nacional, Lisboa, 1926; 3ª ed., Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1959.

WETZELS, Leo Willem. 1992. **Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese**, Cadernos de Estudos Linguísticos, 23: 19-55.

WETZELS, Leo Willem. 1997. **The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese**, Probus, 9: 203-232.

WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Tempos Brasileiros, 1975 [1961].

